

Gerda Ferreira

**Estudo sobre evasão no PROEJA do Instituto
Federal Farroupilha Campus Panambi**

— MESTRADO EM EDUCAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
FORMAÇÃO DE ADULTOS

Novembro2018

Gerda Ferreira

**Estudo sobre evasão no PROEJA do Instituto
Federal Farroupilha Campus Panambi**

Projeto submetido como requisito parcial para
obtenção do grau de
MESTRE

Orientação
Professora Doutora Carina Coelho

— MESTRADO EM EDUCAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
FORMAÇÃO DE ADULTOS

Novembro 20**18**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Débora Cristina Daenecke, colega, amiga, uma profissional competente que soube usar com sabedoria o seu conhecimento, pelas suas reflexões críticas e pela ajuda na revisão dos textos e pelas palavras na hora de acalmar a mente e o coração, transmitindo apoio e coragem.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, pela saúde e força para enfrentar os obstáculos na realização e concretização deste trabalho.

À família e aos amigos pelo apoio e compreensão durante a realização do curso. Ao Instituto Federal Farroupilha – Campus Panambi, pelo investimento e por acreditar na relevância da capacitação dos servidores.

Meus agradecimentos a minha orientadora, Professora Doutora Carina Coelho, e ao meu co-orientador, Professor Doutor Adão Caron Cambraia, pelo trabalho e dedicação para a efetivação deste trabalho.

Aos professores do Instituto Politécnico do Porto, que contribuíram com o seu conhecimento na realização desta pesquisa.

Aos colegas de turma, em especial Ana Paula dos Santos Agertt, Cíntia Beatriz Goi, Dafne Silva de Freitas, Daniela Cristina Paulo Dacampora, Denise Skrebsky Mello, Leandro Luís Nagorny, minha gratidão pelo apoio e incentivo.

Sou eternamente grata aos colegas de trabalho, em especial a Débora Cristina Daenecke, Rogéria Fátima Madaloz, Tiago Ost Fracari Silveira, Alexsandro Lima dos Santos, Aline Beatriz Germano Silveira, Cesar Carlos Steinhorst, Claudia Borges de Oliveira Litz, Filipe Copetti, Jaline Scholten Lopes, Patrícia Mallmann Schneiders, Pedro Henrique Bastos, Ricardo Pasqualotti, Roberto Basílio Leal e Justina Franchi Gallina, Cíntia Beatriz Diehl Guntzel dos Santos, Jamile Rasia Stiebe, Tuany Pohl, Sabrina Azevedo Wagner Benetti, Valter Garabed de Souza Moreira, Maria Elisa Ullmann dos Santos, e aos colegas professores Ana Rita Kraemer da Fontoura, Rosana Wegner, Rudião Wisniewski, Marli Simionato Possebon, Sylvia Messer, Rafaelle Ribeiro Gonçalves, Gerson Azulim Muller, Sandra Elisabet Bazana Nonenmacher e Tamara Angélica Brudna da Rosa, Carla Luciane Klos Schoninger, Alessandro Callai Bazzan, Alice Angélica de Miranda Gebert, Cleber Rubert e Laura Beatriz da Silva Spanivello, pela colaboração, estímulo, paciência, orientações, revisão da dissertação e apoio técnico.

Expressar os meus agradecimentos a minha amiga e colega Maiara Berlt, que topou em se aventurar comigo alguns dias em Porto e prestigiar a minha defesa.

Aos colegas professores que atuam no PROEJA, meus agradecimentos por responderem ao questionário, contribuindo na efetivação desta pesquisa.

Aos ex-alunos do PROEJA que não mediram esforços na participação da entrevista, os meus agradecimentos.

A Giovana Angélica Goettems, pelo auxílio na transcrição das entrevistas.

A Daniela Ernst, pelo trabalho de tradução.

Meus agradecimentos ao Campus Jaguari pelo acolhimento em nossa estada durante as aulas do mestrado.

Por fim, mas não menos importante, deixo uma palavra de gratidão a todos as pessoas que de alguma forma tocaram meu coração e transmitiram força e confiança em mim.

*Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte
Mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco sei
Ou nada sei
(Almir Sater)*

RESUMO

A presente pesquisa tem como intuito estudar a evasão escolar que acontece no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, realizado no Instituto Federal Farroupilha - Campus Panambi, pois o mesmo apresenta elevados índices de evasão. O objetivo é identificar e compreender os motivos que ocasionaram a evasão dos alunos e analisar as políticas educacionais. Para a recolha de dados realizámos entrevistas com 20 alunos evadidos e aplicámos um questionário a 13 professores que atuam nas turmas de PROEJA. A abordagem adotada teve um cariz fundamentalmente qualitativo, embora com recurso a instrumentos de natureza também quantitativa. Entre os participantes houve predominância de jovens, 45% com idade entre 25 a 34 anos, todos os alunos entrevistados ficaram sem estudar entre o término do ensino fundamental e o início do curso técnico do PROEJA. As principais causas da evasão do PROEJA foram dificuldades em conciliar trabalho, estudo, família e transporte, dificuldades em algumas disciplinas e, pontualmente, situações de gravidez e *bulling*. Entre os alunos evadidos 95% voltaria a estudar. Dos professores, 62% possui formação voltada para PROEJA e 38% não possui. As principais dificuldades encontradas por esses profissionais foram falta de motivação dos alunos, baixo nível de conhecimento dos alunos e falta de formação específica para lecionar com o público do PROEJA. Os professores entrevistados sugerem, como medidas para a diminuição do abandono, formação continuada dos docentes e investimentos em ações para fortalecer a assistência estudantil.

PALAVRAS-CHAVE: Evasão. Abandono. Educação Profissional Tecnológica. Educação de Jovens e Adultos. PROEJA.

ABSTRACT

The present research aims to study the school dropout that occurs in the National Program of Integration of Professional Education with Basic Education in the Mode of Education of Young and Adults - PROEJA, conducted at the Federal Institute Farroupilha - Campus Panambi, as it has high rates of evasion. The goal is to identify and understand the reasons that led to student dropouts and analyze educational policies. To collect data, we interviewed 20 students who had been evaded and applied a questionnaire to 13 teachers who work in PROEJA classes. The adopted approach had a fundamentally qualitative aspect, although with the use of instruments of a quantitative nature. Among the participants, there was a predominance of young people, 45% aged 25 to 34 years, all the students interviewed remained without studying between the end of elementary school and the beginning of the PROEJA technical course. The main causes of avoidance of PROEJA were difficulties in reconciling work, study, family and transportation, difficulties in some disciplines and, occasionally, situations of pregnancy and bullying. Among the students evaded 95% would return to study. Of the teachers, 62% have training for PROEJA and 38% do not have. The main difficulties encountered by these professionals were lack of motivation of the students, low level of knowledge of the students and lack of specific training to teach with the PROEJA public. The teachers interviewed suggest, as measures for reducing dropout, continuing teacher training and investments in actions to strengthen student assistance.

KEYWORDS: Evasion. Abandonment Professional Technological Education. Youth and Adult Education. PROEJA.

ÍNDICE

LISTA DE QUADROS E LISTA DE FIGURAS.....	x
LISTA DE GRÁFICOS.....	xi
LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS.....	xii
INTRODUÇÃO.....	13
1 CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO E LEGAL.....	16
1.1. PROEJA.....	16
1.2. Evasão escolar.....	20
1.3. Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.....	25
2 CAPÍTULO II – ESTUDO EMPÍRICO.....	29
2.1 Problema e objetivos.....	29
2.1.1. Problema e sua justificação.....	29
2.1.2. Objetivos do trabalho.....	31
2.2. Metodologia.....	32
2.3. Contexto de estudo e participantes.....	34
2.3.1. Local de estudo.....	34
2.3.2. Participantes.....	37
3 CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	39
3.1. Análise das entrevistas com alunos evadidos.....	39
3.2. Análise do questionário dos professores.....	50
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
5 REFERÊNCIAS.....	75
ANEXO A – Pauta da reunião com professores do PROEJA.....	79
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	80
APÊNDICE B – Termo de consentimento.....	82
APÊNDICE C – Guião da entrevista com os alunos.....	83
APÊNDICE D – Questionário aos professores.....	85
APÊNDICE E – Transcrição das entrevistas.....	91

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 - Evasão e retenção na Rede Federal	21
Figura 1 – Inserção de Panambi na microrregião geográfica de Ijuí.....	35
Figura 2 – Características geográficas e indicadores de Panambi.....	35

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade dos ingressantes no PROEJA.....	41
Gráfico 2 – Tempo sem estudar (anos).....	42
Gráfico 3 – Alunos que trabalhavam durante o curso.....	46
Gráfico 4 – Área de trabalho relacionada ao curso.....	46
Gráfico 5 – Tempo de atuação no PROEJA.....	52
Gráfico 6 – Área em que leciona.....	52
Gráfico 7 – Se tem formação voltada para a Educação de Jovens e Adultos.....	53
Gráfico 8 – O que levou a trabalhar no PROEJA.....	54
Gráfico 9 - Principais dificuldades ao lecionar no PROEJA.....	55
Gráfico 10 - Principais potencialidades ao lecionar no PROEJA.....	57
Gráfico 11 - Frequência dos elementos presentes nas dinâmicas das aulas.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

CEFET	- Centro Federal de Educação Tecnológica
CRA	- Coordenação de Registros Escolares
EJA	- Educação de Jovens e Adultos
FICAI	- Ficha de Aluno Infrequente
IFFAR	- Instituto Federal Farroupilha
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	- Ministério da Educação e Cultura
PDE	- Programa de Desenvolvimento da Educação
PDI	- Programa de Desenvolvimento Institucional
PROEJA	- Programa Nacional de Integração com a Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
PPE	- Programa de Permanência e Êxito
SEE-MG	- Secretaria de Estado da Educação - Minas Gerais
SETEC	- Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
EBTT	- Ensino Básico, Técnico, Tecnológico

INTRODUÇÃO

A presente dissertação, inserida no âmbito do curso de Mestrado em Educação: Especialização em Educação e Formação de adultos, prioriza como objetivo de estudo a evasão escolar no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e adultos (PROEJA).

A motivação para esse estudo nasceu por estar inserida no contexto escolar e por trabalhar diretamente no atendimento dos alunos, muitas vezes percebi que muitos estudantes simplesmente deixavam de frequentar os cursos, a partir do ingresso no mestrado referente a educação de formação de adultos e trabalhando na instituição que oferece o ensino no Proeja na qual verificou-se que uns dos problemas enfrentados é o alto índice de evasão. No mestrado que estou frequentando umas das sugestões de pesquisa é de que estar voltada para uma problemática vivenciada pela instituição. Outra questão por ser professora me identifiquei nesta linha de pesquisa, uma vez que pouco se fala ou se pesquisa sobre os motivos que levam os estudantes a evadir, especialmente nos cursos de educação e formação de adultos.

Sabe-se que o tema da evasão escolar é abordado com maior ênfase nos níveis de ensino fundamental e médio da educação básica, no entanto essa problemática perpassa o âmbito da educação técnica profissional. Porém poucos são os estudos que abrangem esse público, mesmo prevendo a similaridade do contexto, cujas motivações para a evasão escolar se repetem nos mais diversos níveis e modalidades de ensino. Nesse sentido, a presente pesquisa justifica-se a partir das especificidades que a educação de jovens e adultos apresenta na instituição de ensino em questão – Instituto Federal Farroupilha (IFFAR).

O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional, com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) foi instituído pelo Governo Federal, concretizou-se através do Decreto 5.478 de 2005, reformulado em 2006 pelo Decreto 5.840. Concordamos com Souza (2015), quando refere que

O PROEJA significou para modalidade de Educação de Jovens e Adultos uma conquista importantíssima, pois trouxe a possibilidade da qualificação profissional em nível técnico aos que estavam afastados dos bancos escolares. A qualificação profissional, ao longo dos anos, constituiu-se numa das principais discussões geradas em torno da EJA - discussões essas que sempre apontavam para pouca efetividade desses cursos (...).

Apesar da importância do Programa, este enfrenta uma grande dificuldade que diz respeito à permanência dos estudantes nos cursos, o que reforça a importância da

realização de estudos sobre a evasão como este que nos propomos. Assim, de acordo com Moreia (2012, p.13)

Não obstante os aspectos positivos do PROEJA, ele enfrenta um sério problema no que diz respeito à permanência dos estudantes na escola. A quantidade de indivíduos que evade dos cursos é muito elevada. A elevada evasão escolar no PROEJA demonstra a necessidade de se estudar os fatores que contribuem para esse fenômeno, como aqueles referentes à escola, à família ou mesmo ao próprio indivíduo. A evasão escolar é um processo que tem seu início e o seu processo, muitas vezes possíveis de serem identificados, monitorados e, quando possível, evitados.

Neste contexto, este estudo teve como finalidade analisar a problemática da evasão no PROEJA, o qual suscitou o seguinte questionamento: Quais os fatores que levam a evasão no PROEJA do IFFar do campus Panambi?

A partir da problematização trazemos como objetivo geral: Identificar e compreender os motivos que ocasionaram a evasão dos alunos do PROEJA do IFFar Campus Panambi. Os Objetivos Específicos são:

- Caracterizar o perfil dos estudantes que buscam pelo PROEJA no campus Panambi;
- Identificar os motivos que levam os estudantes a retornar ao ensino através do programa PROEJA;
- Identificar principais dificuldade dos alunos para a conclusão do curso;
- Sugerir possíveis caminhos para evitar a evasão no PROEJA.

Para alcançar os objetivos propostos foi adotado a metodologia da revisão documental, através da revisão da bibliografia, a literatura sobre a evasão escolar, a Educação de Jovens e Adultos, além das pesquisas e dos documentos sobre o PROEJA. Posteriormente foi realizado o levantamento dos alunos evadidos entre os anos de 2010 a 2014, realizado contato para agendamento das entrevistas com os alunos evadidos, realizou-se sensibilização com os alunos do Proeja e convite aos professores que atuam no curso PROEJA para que respondessem o questionário online com perguntas específicas sobre a atuação profissional e pedagógica, a metodologia estará melhor detalhada em capítulo específico.

Espera-se que a efetivação desta pesquisa possa subsidiar o Campus Panambi a conhecer melhor o perfil dos alunos do PROEJA, pois somente dessa maneira poderemos conhecer a realidade a qual os alunos estão inseridos, visualizando as suas dificuldades e

potencialidades, e a partir disso agir de forma precoce na prevenção da evasão, contribuindo para o sucesso escolar dos alunos.

Considerando a condução dos questionamentos e dos objetivos propostos, a pesquisa foi estruturada com uma introdução, três capítulos e considerações finais. No primeiro, **ENQUADRAMENTO TEÓRICO E LEGAL: Educação de Jovens e Adultos: breve retrospectiva histórica**, é analisado a história da educação Brasileira, desde a chegada dos portugueses até a criação e efetivação dos Institutos Federais e a implementação dos cursos PROEJA, são discutidos alguns aspectos relativos à concepção, aos fundamentos e à configuração do PROEJA, focalizando sua implantação, assim como os objetivos e as metas que lhe foram atribuídos.

No segundo capítulo, **ESTUDO EMPÍRICO**, é explicitado o objetivo geral e os objetivos específicos, apresentam-se os procedimentos metodológicos que é de natureza fundamentalmente qualitativa utilizando recursos também quantitativos. Foi aplicado um questionário online aos professores que atuam nas turmas do PROEJA, com questões abertas e algumas fechadas e, para 20 alunos evadidos dos anos de 2010 a 2014 dos cursos do PROEJA, foi realizada uma entrevista com questões referentes à sua vida escolar, momentos de interrupção e de retorno, à escolha do curso, situação face ao trabalho e família, motivos de abandono, dificuldades e sugestões para evitar o abandono.

No capítulo três, **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**, são apresentados, além do perfil dos alunos, a análise e a interpretação dos resultados obtidos com a coleta de dados sobre os fatores individuais e contextuais que podem ter influenciado os estudantes a não concluir os seus cursos técnicos federais do PROEJA no IFFAR campus Panambi, o que motivou a realização do presente estudo. Logo após realizou-se descrição e discussão dos resultados, buscando estabelecer um diálogo entre os dados obtidos com os autores que retratam as temáticas: trabalho, educação profissional e educação de jovens e adultos. Nas considerações finais, refletiu-se sobre a integração entre educação profissional, educação básica e EJA, apresentando sugestões que possam contribuir para a permanência e êxito do público do PROEJA na instituição pesquisada.

1 CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO E LEGAL

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.

Paulo Freire

1.1 PROEJA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi instituída pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) como uma modalidade educacional integrante da Educação Básica. Ela visa a atender alunos que não tiveram acesso ao ensino fundamental ou médio ou em algum momento de suas vidas os interromperam, impedindo assim de continuar os estudos nesses níveis de ensino. A modalidade EJA vem para substituir a modalidade de ensino conhecida como Ensino Supletivo, estipulado pela LDB de 1971.

Em 2005, o Governo Federal instituiu o “Programa da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos” (PROEJA), pelo qual passam a ofertar cursos técnicos integrados ao ensino médio na modalidade EJA (Decreto nº 5.478, de 24 de junho de 2005). Esse Programa é extinto, sendo substituído pelo “Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos” (PROEJA – Decreto nº 5.840 de 13 de julho de 2006), mantendo-se a sigla PROEJA. Esta substituição aconteceu tendo em vista atender reivindicações de profissionais da educação da Rede Federal de Ensino, gestores educacionais, para que houvesse uma ampliação no que se refere à abrangência dos vínculos entre a EJA e a educação profissional quanto à oferta de cursos e locais para o seu desenvolvimento.

Assim, essas experiências, em diálogo com os pressupostos referenciais do programa, indicavam a necessidade de ampliar seus limites, tendo como horizonte a universalização da educação básica, aliada à formação para o mundo do trabalho com acolhimento específico a jovens e adultos com trajetórias escolares descontínuas (Documento Base - PROEJA, 2007, p. 12).

Com o novo decreto de 2006, a principal mudança foi a ampliação da abrangência em nível de ensino, isto é, a inclusão do ensino fundamental no programa. O Programa PROEJA foi destinado à Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, sendo que algumas destas instituições federais já trabalham com ações voltadas para a educação profissional de

jovens e adultos. Além disso, abrange outras instituições públicas dos sistemas de ensino Estaduais e Municipais, incluindo o Sistema S (sistema formado pelo conjunto de instituições de interesse de categorias profissionais estabelecidas pela Constituição brasileira). É preciso dizer que a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica é hoje constituída pelas escolas técnicas ou colégios técnicos vinculados às Universidades Federais, pelas Escolas Técnicas Federais, pelos Centros Federais de Educação Tecnológica e pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Conforme o Documento Base, o PROEJA foi instituído na rede federal de educação, caracterizado como um:

[...] projeto educacional que tem como fundamento a integração entre trabalho, ciência, técnica, tecnologia, humanismo e cultura geral com a finalidade de contribuir para o enriquecimento científico, cultural, político e profissional como condições necessárias para o efetivo exercício da cidadania (Documento Base - PROEJA, 2007,p. 5).

A Conferência Internacional de Educação de Adultos, realizada na Alemanha, em 1997, teve como tema “Educação de Adultos, a chave para o século XXI”, na qual a concepção de educação é vista como um processo de formação ao longo da vida, como podemos ver:

A educação de adultos engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, onde pessoas consideradas “adultas” pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade. A educação de adultos inclui a educação formal, a educação não-formal e o espectro da aprendizagem informal e incidental disponível numa sociedade multicultural, onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos. (Paiva, Machado, & Ireland, 2007, p. 38).

Esta conferência representou um marco na história na educação de jovens e adultos no Brasil, sendo a alfabetização de adultos uma realidade a ser enfrentada por vários países, assim como a educação em geral.

É preciso que se estabeleça uma relação entre educação profissional, ensino médio e EJA, que exigem a construção de um projeto comprometido e inovador de ensino de jovens e adultos:

O grande desafio dessa política é a construção de uma identidade própria para novos espaços educativos, inclusive de uma escola de/para jovens e adultos. Em função das especificidades dos sujeitos da EJA (jovens, adultos, terceira idade, trabalhadores, população do campo, mulheres, negros, pessoas com necessidades educacionais especiais, dentre outros), a superação das estruturas rígidas de tempo e espaço presentes na escola (Arroyo, 2004) é um aspecto fundamental (Documento Base - PROEJA, 2007, p. 42).

Mesmo com a ampliação da abrangência, a realidade das instituições nos mostra que precisamos avançar mais, devido ao insucesso da escola existente e às dificuldades com a formação e habilitação de professores na efetivação de um trabalho que venha atender as necessidades e os anseios dos alunos, levando em conta as experiências dos alunos jovens e adultos, resgatando as histórias de vida, como o próprio Documento Base do PROEJA (Documento Base - PROEJA, 2007, p. 36) afirma:

Que este Programa necessita de um projeto político pedagógico para que possa “atender as reais necessidades de todos os envolvidos, e oferecer respostas condizentes com a natureza da educação profissional, sobre o mundo do trabalho, sobre a vida”.

Atualmente, temos no Brasil as modalidades de Educação de Jovens e Adultos (EJA) voltada para homens e mulheres que não puderam permanecer na escola, na idade regular, ou que não tiveram acesso ao ensino fundamental ou médio, e o PROEJA, que também atende homens e mulheres que não tiveram oportunidade de cursar o ensino fundamental ou médio e que buscam também uma profissionalização. Ou seja: ensino fundamental (EJA) com qualificação profissional, ensino médio (EJA) com qualificação profissional e o ensino médio (PROEJA) com educação Profissional Técnica.

Desta forma, o PROEJA proporciona estes homens e mulheres a educação básica, qualificação profissional e perspectivas de continuidade dos estudos em nível superior assim como a sua inserção no mundo do trabalho, como assevera o Documento Base:

É fundamental que essa política de educação profissional e tecnológica, nos moldes aqui tratados, também seja destinada, com o mesmo padrão de qualidade e de forma pública, gratuita, igualitária e universal, aos jovens e adultos que foram excluídos do sistema educacional ou a ele não tiveram acesso nas faixas etárias

denominadas regulares, sendo esse o objetivo central desse documento base (Documento Base - PROEJA, 2007, p. 33).

Sabe-se que as pessoas, nesse caso os alunos que frequentam os cursos voltados para a educação de jovens e adultos, trazem na sua bagagem de vida e no seu histórico escolar muitas frustrações, dificuldades e medos, necessitando um olhar diferenciado, que leve em conta esta problemática. É necessário investimentos em políticas educacionais que abrangem o socioeconômico, pedagógico, psicológico, e que sejam trabalhado as habilidades e dificuldades cognitivas desses estudantes. Esta problemática foi o que nos motivou a conhecer e saber mais sobre as turmas e os cursos de PROEJA que temos no Campus Panambi do Instituto Federal Farroupilha. Conforme podemos ver em algumas das causas de evasão, muitas delas são consequência da história de vida destes alunos:

São trabalhadores e trabalhadoras que, geralmente, precisam conseguir pessoas para cuidarem dos filhos e parentes, lidam com ciúmes do companheiro ou companheira, mudam de endereço com frequência, são em sua maioria de outras cidades, mudam de emprego ou conseguem um em horário noturno, chegam nos núcleos cansados, com fome, são tímidos, muitos não têm pais, a família está separada, os pais não têm ensino fundamental completo, têm dificuldades de falar em público, a auto-estima é baixa, quando percebem que o curso é muito diferente do que esperavam pensam em desistir imediatamente, vivem muito próximo da violência urbana, do tráfico de drogas etc. (Pedralli, & Rizzatti, 2008, p. 7).

O PROEJA Médio é destinado a pessoas maiores de 18 anos com o ensino fundamental completo e que não tenham concluído o ensino médio. As instituições contam com assistência estudantil, um benefício que é usado para viabilizar a permanência do estudante do PROEJA no curso, programa este que em muitas instituições passa por vários desafios. Inclusive, existe um Programa de Permanência e Êxito – PPE para os estudantes do IFFarroupilha, elaborado por uma comissão através da Portaria nº 1.683, de 28 de agosto de 2014, composta por quinze servidores do IFFAR.

Este PPE tem como objetivo geral “consolidar a excelência da oferta da EBTT (Ensino Básico, Técnico e Tecnológico) de qualidade e promover ações para a permanência e êxito dos estudantes no IF Farroupilha” (Instituto Federal Farroupilha, 2015).

Tem como objetivos específicos:

- socializar as causas da evasão e retenção no âmbito da Rede Federal;

- propor e assessorar o desenvolvimento de ações específicas que minimizem a influência dos fatores responsáveis pelo processo de evasão e retenção, categorizados como: individuais do estudante, internos e externos à instituição;
- instigar o sentimento de pertencimento ao IF Farroupilha e consolidar a identidade institucional;
- atuar de forma preventiva nas causas de evasão e retenção. (Instituto Federal Farroupilha, 2015).

A implementação das ações do PPE em 2015 não se efetivou de forma satisfatória, tendo sido solicitados recentemente por e-mail institucional membros para recompor a Comissão no Campus. Havendo uma efetiva implementação das ações a serem propostas em 2018, isso irá amenizar em grande parte as angústias, medos, decepções, vivências nem sempre positivas de sua vida escolar e familiar.

Questionar o porquê dos educandos do PROEJA obterem êxito ou não nos cursos, investigar quais são os motivos para o sucesso ou insucesso é o principal motivador deste trabalho. É necessário para tanto que definamos o que é sucesso e insucesso. Conforme o dicionário Houaiss (2009), sucesso significa êxito, triunfo, conquista, resultado, conclusão, etc.; e insucesso é definido como frustração, fracasso, derrota.

A palavra motivação pode ser definida como um impulso que faz com que as pessoas ajam para atingir seus objetivos. A motivação envolve fenômenos emocionais, biológicos e sociais e é um processo responsável por iniciar, direcionar e manter comportamentos relacionados com o cumprimento de objetivos. Segundo Ana Rothes, Marina S. Lemos e Teresa Gonçalves (2017) a motivação afeta não apenas a decisão de participar, como interesse, persistência e sucesso dos adultos nos seus percursos educativos e formativos. Além da quantidade, é importante considerar a qualidade da motivação, incluindo o grau de auto-determinação, a confiança na capacidade e o valor atribuído à atividade.

1.2 Evasão escolar

A palavra evasão vem do latim “*evasio*”, substantivo feminino que nomeia o ato de fuga, escape, saída e subterfúgio (Nascimento & Esper, 2009), considerada uma ação de abandono de alguma coisa, de afastar-se do ponto em que se encontra.

A evasão dos cursos consiste em estudantes que não completam cursos ou programas de estudo, podendo ser considerado como evasão aqueles alunos que

se matriculam e desistem antes mesmo de iniciar o curso (Maia, Meirelles, & Pela, 2004)

Historicamente, a evasão escolar faz parte dos temas presentes nas palestras, seminários assim como nas reflexões quando o assunto é educação pública brasileira. Esta preocupação ainda está presente nos dias atuais, ocupando um espaço relevante no campo das políticas públicas e da educação particular. Conforme o Programa de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2014-2018: “A evasão e a retenção são temas recorrentes: eis aí um dos maiores desafios para a gestão do ensino no país”. A evasão escolar é assunto em todas as escolas do Brasil, nomeadamente nos cursos que envolvem jovens e adultos com EJA (Educação de Jovens e Adultos) e o PROEJA (Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos).

De acordo com o PPE, o índice de evasão nos cursos técnicos integrados e concomitantes na modalidade EJA na Rede Federal é de 24% (Instituto Federal Farroupilha, 2015).

Quadro 1 - Evasão e retenção na Rede Federal

Nível	Tipo de Curso	Taxa de Evasão	Taxa de Retenção	Taxa de Conclusão
Educação Básica	Técnico integrado - idade própria	6,40%	44,42%	46,80%
	Técnico integrado e concomitante - EJA	24,00%	37,99%	37,50%
	Técnico Subsequente	18,90%	49,34%	31,40%
Educação Superior	Licenciatura	8,70%	64,53%	25,40%
	Bacharelado	4,00%	68,09%	27,50%
	Tecnólogo	5,80%	50,82%	42,70%

Fonte: Instituto Federal Farroupilha, 2015.

A evasão escolar é assunto presente nas discussões referentes ao papel da família como da escola em relação à vida escolar da criança e do adolescente.

No que se refere à educação, a legislação brasileira no art. 2º da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei 9.394/96) deixa claro que é dever da família e do Estado orientar a criança em seu percurso sócio-educacional, como consta:

Art.2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (LDB, 1996,p. 2).

Ao longo da história, fica cada vez mais evidente que a educação escolar não está cumprindo com a sua finalidade no que se refere ao alcance de todos os cidadãos, bem como à conclusão em todos os níveis de escolaridade. Podemos dizer que este assunto faz parte das discussões, análises, reflexões e preocupações do Estado, sociedade civil, organizações e movimentos ligados à educação no âmbito da pesquisa científica e das políticas públicas.

No que se refere à evasão de estudantes no nível médio técnico no Brasil são poucas as informações teóricas e empíricas sobre este fenômeno e quase inexistentes estudos relacionados ao acesso e permanência dos mesmos.

Conforme Machado e Moreira (2008), a evasão se refere justamente aos fatores que levam o estudante a não permanecer nos estudos. É, portanto, uma questão relacionada à democratização da escola técnica no país. Também pode ser vista como uma questão de exclusão, o que é mais um elemento para evidenciar a importância de investigarmos um tema muito atual, desenvolvendo estudos sobre indicadores dos processos de evasão escolar, de modo a propor medidas preventivas que contribuam para a permanência do aluno na escola e para a sua formação. Com isso, os índices de qualificação dos jovens para o trabalho podem ser elevados, o que, certamente, contribuirá para maximizar os investimentos governamentais na educação técnica.

De acordo com Luscher e Dore (2011) a evasão escolar tem sido associada a situações diversas, como referir-se à retenção e repetência do aluno na escola; à saída do aluno da instituição; à saída do aluno do sistema de ensino; à não conclusão de um determinado nível de ensino; ao abandono da escola e posterior retorno.

A definição de evasão não para aqui, são muitas as situações que podem levar à evasão, como por exemplo questões pessoais, da escola ou ainda do sistema de ensino. No que tange às questões pessoais, são de grande complexidade, cada caso será um caso a ser analisado e estudado.

Podemos citar os valores, as atitudes, comportamentos, o envolvimento com a aprendizagem, com os colegas, professores, como condições relevantes para a permanência e o sucesso escolar do aluno. Além disso, podemos citar a importância do ambiente familiar do aluno, assim como a qualidade dos relacionamentos entre os familiares, bem como a importância dada à escola, a questão da formação escolar dos pais, a situação sócio-econômica, que devem ser levados em conta para o sucesso e a permanência na escola (Rumberger, 1987, como citado em Luscher & Dore, 2011).

Outro fator que pode estar relacionado à evasão são as condições físicas, ambientais e estruturais da escola como um todo, assim como todo o processo de ensino-aprendizagem, tornando o ambiente escolar favorável (ou não) à permanência do aluno.

Conforme as autoras, “além da diversidade de situações que podem ser vistas como evasão, existe também o problema de entender as causas da evasão” (Luscher & Dore, 2011, p. 151).

O assunto deste trabalho é a evasão no PROEJA, sendo este um ensino técnico, em nível médio, no qual a compreensão referente à evasão se torna mais complexa. O aluno tem várias oportunidades, possibilidades e ofertas na educação técnica de nível médio, o que muitas vezes não atende às suas expectativas, levando a interrompê-la, mudando de curso e até de área ou eixo, ou mesmo a abandonar totalmente os estudos. Conforme Luscher e Dore (2011, p. 153):

as múltiplas possibilidades de mudanças no itinerário de ensino técnico podem significar a existência de diferentes oportunidades de escolha e de experimentação profissional, por um lado, mas, por outro, podem sinalizar a instabilidade e/ou falta de orientação do estudante quanto aos rumos profissionais que deseja seguir.

Além disso, é necessário ter um conhecimento mais amplo dos nossos alunos dos cursos do PROEJA, desta forma contribuindo com ações para amenizar a evasão.

Conforme Luscher e Dore (2011, p. 153), “é importante conhecer a movimentação de estudantes nos cursos técnicos, o que pode contribuir para formular políticas voltadas para

prevenir a evasão, seja no âmbito das políticas públicas ou das políticas e práticas pedagógicas internas de cada instituição de ensino”. Muito se tem a fazer neste sentido, por exemplo, no Instituto Federal Farroupilha - Campus Panambi não há nenhum estudo sobre o acompanhamento de egressos no seu sentido mais amplo, no qual estejam contemplados os alunos evadidos ou que abandonaram o curso.

Ainda segundo as autoras, “no caso brasileiro, a questão da evasão do ensino técnico refere-se à dificuldade de acesso dos jovens a essa modalidade de ensino, tendo em vista os altos índices de evasão e de outros indicadores de fracasso escolar que se manifestam já na educação básica. A relação entre a educação básica e a educação técnica é um dos aspectos mais significativos da pesquisa sobre a evasão na educação técnica no Brasil” (Luscher & Dore, 2011, p. 151).

São quase inexistentes estudos relacionados ao acesso e permanência de estudantes no nível médio técnico no Brasil. Várias dimensões importantes devem ser levadas em conta no estudo da evasão, é uma combinação de vários fatores que levam à exclusão, sendo a evasão uma consequência. Entre os fatores, as condições escolares, questões curriculares, corpo docente, a própria organização escolar, assim como as questões individuais, socioeconômicas e familiares são muitas vezes motivadores da “expulsão” dos alunos da escola, que definimos como evasão.

Luscher e Dore (2011, p. 154) abordam

[...] a evasão escolar e os fatores sociais, institucionais e individuais que podem interferir na decisão dos estudantes de permanecer na escola ou de abandoná-la, antes da conclusão do curso. Assim é necessário considerar desde o tipo de inserção do estudante no contexto social mais amplo, o que envolve questões econômicas, sociais, políticas, culturais e educativas, até suas próprias escolhas, seus desejos e suas possibilidades individuais. É a escola que realiza as mediações entre as condições gerais, presentes no âmbito social, e aquelas apresentadas pelo estudante no desenvolvimento de uma escolaridade plena. Do ponto de vista social e individual, a escola representa uma oportunidade fundamental para confrontar e superar limites do contexto, diante de desejos e aspirações dos indivíduos, permitindo-lhes construir novas, mais complexas e com amplas perspectivas de inserção e de participação na vida social. Contudo, isso requer a permanência do estudante na escola. No caso da educação brasileira, o acesso e a permanência do estudante na escola, particularmente na escola técnica, são definidos em grande medida pela política educacional.

Como se vê, diversos são os fatores a considerar na abordagem do problema da evasão. Um deles é o contexto em que ela ocorre, tema do tópico seguinte.

1.3 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia

A fim de contextualizar a instituição na qual será aplicada a pesquisa, apresentamos neste item o histórico de criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, que abrange a rede da qual o Instituto Federal Farroupilha *campus* Panambi pertence.

Para que possamos melhor compreender sobre a temática e o porquê da escolha dos alunos do Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), torna-se necessário fazer referência à implementação da política pública de educação profissional, assim como a criação dos Institutos Federais de Educação. A implantação de novas unidades dos Institutos Federais resultou na expansão da rede bem como na implementação da política pública de educação profissional.

A lei de criação dos Institutos Federais é a nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008. Eles têm como um dos objetivos colaborar no desenvolvimento local e regional através de ofertas de cursos técnicos, tecnológicos e profissionalizantes, conforme o inciso IV (BRASIL, 2008), que retoma a questão educacional profissional e tecnológica e desenvolvimento do território. A ênfase é dada ao apoio enraizado nas estruturas socioculturais locais. O texto esclarece uma certa metodologia para esse apoio: o diagnóstico das oportunidades de desenvolvimento seguido da sintonização da oferta educativa com essas potencialidades, de forma a contribuir para a composição e consolidação de arranjos locais para o incremento da produção e o fortalecimento da organização social e das identidades culturais nos quais os Institutos Federais estão inseridos.

Como podemos ver, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia surgiram com o propósito de fomentar o desenvolvimento local e regional, bem como a transferência de tecnologia e inovação para a sociedade, conforme lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008:

Art 6º Os Institutos Federais têm por finalidades e características:

I- ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional;

II- desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais; (...)

IV- orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal (Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008).

Neste artigo 6º fica claro o papel dos Institutos Federais no que se refere ao território nos quais estão inseridos, promovendo “o desenvolvimento local e regional na perspectiva da sustentabilidade” – um dos preceitos que fundamenta os Institutos Federais. Por isso, é imprescindível ouvir e articular as demandas, com suas possibilidades científicas e tecnológicas, tendo como foco a melhoria da qualidade de vida, a inclusão social e a construção da cidadania”(Pacheco, 2001). Para que se concretize, faz-se necessário um estreitamento nas relações com os territórios nos quais os Institutos Federais atuam, contribuindo com o desenvolvimento local e regional, não esquecendo da promoção do bem-estar social, combatendo as desigualdades sociais regionais, promovendo uma relação transformadora com a sociedade (Pacheco, 2011).

O art 7º da Lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008 apresentam-se os objetivos dos Institutos Federais, dos quais destacamos:

I- ministrar educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados, para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos;

II- ministrar cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores, objetivando a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização de profissionais, em todos os níveis de escolaridade, nas áreas da educação profissional e tecnológica;

III- realizar pesquisas aplicadas, estimulando o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas, estendendo seus benefícios à comunidade;

IV- desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, e com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos;

V- estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional (Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008).

Deste artigo nomeamos apenas alguns dos objetivos voltados ao interesse do assunto em discussão, considerando os demais de suma importância numa abordagem mais ampla. Neste caso a oferta de cursos de educação profissional técnica como prioridade nos Institutos e nas diretrizes da educação nacional está assegurada no atendimento para os concluintes do ensino fundamental.

A nossa intenção não é aprofundar o assunto sobre o processo de implantação de novas unidades do Instituto, nem investigar os critérios adotados pelo Governo Federal na efetivação da expansão dos Institutos Federais, mas cabe ressaltar que foram várias ações envolvendo as mais diferentes instâncias administrativas. Assim como teve a sua contribuição e influência o papel desempenhado por gestores na implementação da política pública de educação profissional, podemos destacar também que esta expansão construiu espaços importantes para o desenvolvimento socioeconômico local e regional.

A expansão da Rede Federal de Educação como um todo não se ateve somente à educação profissional, mas também à tecnológica e superior, em institutos e universidades federais. Conforme Pacheco (2011), os novos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia geram e fortalecem condições estruturais necessárias ao desenvolvimento educacional e socioeconômico brasileiro. Os Institutos Federais podem atuar em todos os níveis e modalidades da educação profissional, com estreito compromisso com o desenvolvimento integral do cidadão trabalhador, devendo articular, em experiência institucional inovadora, todos os princípios fundamentais do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE): visão sistêmica da educação; enlace da educação com o ordenamento e o desenvolvimento territorial; aprofundamento do regime de cooperação entre os entes federados em busca da qualidade e da equidade. Em especial, esse arranjo educacional abre

novas perspectivas para o ensino médio-técnico, por meio de uma combinação do ensino de ciências, humanidades e educação profissional e tecnológica.

2 CAPÍTULO II - ESTUDO EMPÍRICO

A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.

Paulo Freire

2.1 Problema e Objetivos

O problema que está na base deste estudo é a elevada evasão dos alunos no PROEJA, o qual suscitou a seguinte pergunta de partida: quais os fatores que levam à evasão no PROEJA do IFFAR?

2.1.1 Problema e sua justificção

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha – IFFarroupilha, foi criado pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. É uma instituição de natureza jurídica de autarquia, que lhe confere autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar, sendo estes e outros os motivos pelos quais ainda não foi implementado de uma forma regular e efetiva nos *campus* o Programa Permanência e Êxito dos Estudantes no IFFarroupilha, elaborado e encaminhado em 2015 para os respectivos *campi*. O que se tem de ações efetivas são a bolsa permanência e o auxílio transporte do governo federal, nas quais a prioridade são os alunos com alguma deficiência, depois os alunos do PROEJA e demais alunos. Desde o funcionamento do *Campus* Panambi, 2010, houve ações de acompanhamento de alunos por parte da assistência estudantil, da assistência social e da psicóloga de uma forma mais direta, havendo poucos registros sobre estas ações, ainda de maneira informal, uma vez que não se tem uma política nesse sentido por parte da Instituição. No que se refere ao Programa de Acompanhamento de Egressos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, o mesmo está em fase de implantação.

A escolha desse assunto vem em primeiro lugar por motivos institucionais, pois existe uma grande preocupação por parte da gestão referente à evasão dos alunos do Proeja. Trata-se também de um desafio para esta pesquisadora, pois sou professora aposentada da

educação básica e em nenhuma das escolas em que trabalhei havia turmas de PROEJA. Além disso, eu fui conselheira tutelar por duas gestões no meu município, Panambi/RS, nas quais umas das minhas atividades estava mais focada nas FICAIS (Ficha de Aluno Infrequente) que as escolas encaminham dos seus alunos infrequentes para o conselho tutelar. De referir também que, após ser selecionada para a especialização em Educação e Formação de Adultos, procurei saber mais sobre o PROEJA na instituição, conversando com a professora coordenadora do curso, assim como fiz, junto à Coordenação de Registros Escolares, uma análise preliminar dos alunos que abandonaram os cursos. Nesse primeiro contacto pude constatar que os registros acadêmicos confirmavam a grande percentagem de alunos evadidos.

O curso do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA é um dos cursos com mais alunos evadidos. Neste caso utilizamos o termo “evadido” para designar os discentes que abandonaram o curso, sendo que o percentual de alunos do IFFAR campus Panambi que ingressam e concluem o curso ficou em torno de 31% entre os anos de 2010 e 2014.

Como pôde ser percebido, o Campus Panambi já teve as seguintes turmas e cursos de PROEJA desenvolvidos:

- no ano de 2010, uma turma de Edificações com 25 alunos matriculados, sendo desses 11 abandonos por parte de alunos com mais de 25 anos de idade, 3 alunos que não oficializaram o desligamento junto a instituição, e 11 alunos concluintes, o que corresponde a 44% de alunos concluintes;

- em 2011, uma turma também de Edificações com 30 alunos, sendo destes 20 abandonos por parte de alunos com mais de 25 anos de idade, 4 alunos não oficializaram o desligamento junto a instituição e 6 alunos que concluíram, o que corresponde a 20% de alunos concluintes;

- em 2012, ofertaram o curso de Alimentos com 30 alunos, sendo destes 15 abandonos por parte de alunos com mais de 25 anos de idade, 3 abandonos de alunos com menos de 25 anos, 3 não oficializaram o desligamento junto a instituição e 9 alunos concluintes, o que corresponde a 30% de alunos concluintes;

- no ano de 2013, mais uma turma de Alimentos com 30 matriculados, sendo destes 10 abandonos por parte de alunos com mais de 25 anos de idade, 5 alunos não oficializaram

o seu desligamento junto a instituição, e 12 alunos concluintes, o que corresponde a 40% de alunos concluintes;

- em 2014: a instituição voltou a ofertar Edificações, com 30 alunos matriculados, sendo destes 15 abandonos por parte de alunos com mais de 25 anos de idade, 4 abandonos de alunos com menos de 25 anos, 1 aluno não oficializou o seu desligamento junto a instituição, 1 aluno transferido, 2 alunos ainda em curso no ano de 2015 e 7 alunos que concluíram, o que corresponde a 23,33% de alunos concluintes;

- nos anos 2015, 2016 e 2017: continuaram ofertando Edificações, uma turma em cada ano, com 30 alunos matriculados respectivamente, sendo que estão com o curso em andamento e por essa razão não fazem parte da pesquisa.

Os dados acima, referentes à evasão dos alunos no PROEJA do IFFAR, reforçam a importância para o desenvolvimento do nosso trabalho de mestrado.

Acredito na relevância de um estudo voltado a este público, nomeadamente para que se possa identificar, saber, conhecer, cada vez mais e melhor os problemas destes alunos. Dessa forma, mediante ações voltadas para a Permanência e Êxito, podemos contribuir para o sucesso dos alunos do PROEJA.

2.1.2 Objetivos do trabalho

Objetivo geral

- Identificar e compreender os motivos que ocasionaram a evasão dos alunos do PROEJA IFFAR.

Objetivos específicos

-Analisar as políticas educacionais no âmbito do IFFAR voltadas para a permanência dos alunos do PROEJA;

-Caracterizar o perfil dos estudantes que buscam pelo PROEJA no *Campus* Panambi;

- Identificar os motivos que levam os estudantes a retornar ao ensino através dos programas do PROEJA.
- Identificar principais dificuldades dos alunos para a conclusão do curso;
- Sugerir possíveis caminhos para evitar a evasão no PROEJA;

2.2 Metodologia

A seguir será apresentada a metodologia utilizada na pesquisa, com a finalidade de delimitar o estudo e seus participantes, bem como os procedimentos e estratégias apropriados ao contexto.

A pesquisa será de cunho qualitativo, o que, conforme Rauen (2013), consiste no tratamento descritivo-discursivo das características dos fatos ou fenômenos, que vão sendo sucessivamente agrupados por critérios descritivo-discursivos, de modo que as conclusões decorrem das propriedades emergentes destes agrupamentos. Em outras palavras, as conclusões decorrem das propriedades descritas discursivamente.

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. O ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (Minayo, Deslandes, & Gomes, 2012).

Além disso, a abordagem qualitativa apresenta-se como mais adequada ao estudo por estar mais relacionada aos significados dos resultados, tratando-se de uma análise intersubjetiva. Amado (2013, p. 205) afirma que “a Investigação Qualitativa tem atrás de si toda uma visão do mundo, dos sujeitos humanos e da ciência, que influencia a escolha e está presente na aplicação de qualquer técnica ou procedimento”.

Dentro da abordagem qualitativa será utilizado o método de estudo de caso. Conforme Rauen (2013) consiste em uma análise profunda e exaustiva de um ou de poucos objetos de modo a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado em desenhos caracterizados pela flexibilidade, simplicidade de procedimentos e ênfase na abordagem qualitativa integral dos eventos. Além disso, podemos dizer que há vários fatores que podem

influenciar diretamente na pesquisa, porém não existem padrões predeterminados, já que cada contexto exigirá diferentes técnicas.

Conforme Ventura (2007), evidenciam-se as vantagens dos estudos de caso: estimulam novas descobertas, em função da flexibilidade do seu planejamento; enfatizam a multiplicidade de dimensões de um problema, focalizando-o como um todo, e apresentam simplicidade nos procedimentos, além de permitir uma análise em profundidade dos processos e das relações entre eles. Estas vantagens vão propiciar ao estudo a flexibilidade necessária para atingir os objetivos desta pesquisa.

A respeito do contexto do estudo de caso, segundo Amado (2013, p. 125):

Selecionado e clarificado o objeto de estudo, este será observado e analisado na sua complexidade, de forma contextualizada e dinâmica, recorrendo a múltiplas fontes e a múltiplas técnicas de forma a captar os diferentes olhares que traduzem essa mesma complexidade.

Para responder às questões de investigação, uma das técnicas de coleta de dados que iremos utilizar é o inquérito por entrevista, pelo qual pretende-se saber e descrever o perfil dos alunos, os motivos que levam a optar por ingressar nos programas PROEJA, os motivos que foram decisivos para abandonarem os programas e quais as consequências desta decisão.

Será realizada uma entrevista semiestruturada, pois permitirá que o entrevistado possa expressar com maior clareza suas percepções sobre o tema pesquisado.

As questões derivam de um plano prévio, um guião, onde se define e registra, numa ordem lógica para o entrevistador, o essencial do que se pretende obter, embora, na interação se venha a dar uma grande liberdade de resposta ao entrevistado (Amado, 2013, p. 208).

A entrevista semiestruturada é uma fonte de informação comumente utilizada em pesquisas de natureza qualitativa; por esse motivo, o guião da entrevista será elaborado com perguntas abertas e fechadas, porém será assegurada a liberdade do entrevistado em responder às questões respeitando suas vontades no discorrer do seu relato pessoal.

Referente às políticas educacionais, será realizada leitura e análise de documentos orientadores da ação institucional do IFFAR, procurando identificar aspectos que podem facilitar ou dificultar a permanência dos alunos do PROEJA.

O contato dos alunos (dados pessoais, e-mail, telefones) será obtido na coordenação de registros acadêmicos, a entrevista com os alunos será realizada conforme disponibilidade dos participantes, com contato e agendamento prévios. Os diálogos serão gravados em formato áudio e posteriormente transcritos para que seja possível obter o melhor aproveitamento das respostas. Após transcrição das entrevistas as informações serão compiladas na forma de relatório, a partir do qual se fará uma análise descritiva e interpretativa das mesmas.

A abordagem aos professores baseou-se primeiramente em uma sensibilização realizada em reunião com os docentes que atuam no PROEJA, onde foi explicada a intenção e os objetivos da pesquisa. Posteriormente foram informados que seria enviado o questionário *online*, disponibilizado no Google Forms. A partir dos gráficos das respostas foi feita uma análise descritiva e interpretativa dos dados.

2.3 Contexto de estudo e participantes

2.3.1 Local de estudo

O presente estudo de investigação ocorreu nos cursos do PROEJA do *Campus* Panambi/RS do Instituto Federal Farroupilha, uma vez que se verificou a importância do acompanhamento dos alunos evadidos da instituição a fim de identificar os motivos de abandono e como esse encontra-se inserido na sociedade.

A história do *campus* inicia no ano de 2008, realizada junto ao Ministério da Educação – MEC e Secretaria de Educação e Tecnológica - SETEC. A Prefeitura Municipal de Panambi fez a doação de uma área total de aproximadamente 52 hectares ao então Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET de São Vicente do Sul. Neste mesmo ano foram iniciados os trabalhos referentes à construção da infraestrutura do *campus*; paralelamente, também aconteciam audiências públicas, para definição de cursos a serem desenvolvidos no *campus*. Na época, foram definidos pela comunidade como prioritários os cursos técnicos em Agroindústria, Edificações e Química. Na ocasião também sugeriram a criação do curso de pós-colheita, levando em conta o arranjo produtivo local.

O *Campus* Panambi está localizado na microrregião de Ijuí, que está dividida em quinze (15) municípios: Ajuricaba, Alegria, Augusto Pestana, Bozano, Chiapeta, Condor, Coronel Barros, Coronel Bicaco, Ijuí, Inhacorá, Nova Ramada, Panambi, Pejuçara, Santo Augusto e São Valério do Sul.

Figura 1 – Inserção de Panambi na microrregião geográfica de Ijuí



Fonte: PDI.

A economia da região é baseada na agricultura, pecuária, agropecuária. Nos últimos anos também houve um crescente desenvolvimento do setor industrial, produzindo máquinas e implementos agrícolas e produtos alimentícios.

Figura 2 – Características geográficas e indicadores de Panambi

Características geográficas	
Área	5.364,503 km ²
População	198.098 hab. est. 2013
Densidade	27,08 hab./km ²
Indicadores	
IDH médio	0,743 PNUD/2010
PIB	R\$ 4.920.470,00 IBGE/2011
PIB per capita	R\$ 24.838,56 IBGE/2011

Fonte: PDI.

O município de Panambi está localizado na região Noroeste Colonial do Estado do Rio Grande do Sul, a 418 m de altitude, no entroncamento das rodovias BR 285 e BR 158. Conhecido como Cidade das Máquinas, o município ostenta o título de 3º Pólo Metal Mecânico do Estado devido ao seu diversificado parque industrial o qual se deve à presença inicial de ferrarias, serrarias e oficinas artesanais desde o início da colonização e atualmente tem instaladas grandes indústrias conhecidas mundialmente. O município é referência nacional na produção de peças e equipamentos para a indústria de máquinas agropecuárias, veículos automotores e secagem de grãos.

Panambi nasceu de uma colonização predominantemente alemã. Conforme relata José Tadeu Leal Peixoto no livro Panambi: Múltiplos Olhares:

Poderíamos dizer que a exclusão dos indígenas e dos caboclos da história de Panambi foi uma prática tanto da colonizadora quanto das elites regionais. A colonizadora pretendia fazer de Panambi um lugar somente de alemães para, com essa justificativa, convencer mais alemães a virem se juntar aos seus compatriotas num lugar somente seu, sem a interferência de outros elementos estranhos a sua etnia, a seus costumes e tradições. (Peixoto, 2008, p. 162).

Após várias reuniões e audiências, envolvendo a comunidade, entidades locais e regionais, foi apresentado um modelo planejado pelo MEC, no qual seriam criados três Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia no Rio Grande do Sul, nos quais as unidades seriam denominadas de *Campus*, em que seriam incluídos cursos superiores, nas áreas tecnológicas e licenciaturas.

Em 29 de janeiro de 2010, o Campus Panambi teve publicada sua portaria de autorização e funcionamento. O Campus Panambi iniciou suas atividades em dois de agosto de 2010 com os cursos Técnicos em Agropecuária, Edificações e Secretariado na modalidade de subsequente, técnico em edificações na modalidade PROEJA, assim como o superior em Sistemas de Internet. Segundo o Programa de Desenvolvimento Institucional (PDI) são objetivos da instituição “Ministrar educação profissional e técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos”.

O Campus Panambi está inserido na comunidade local e regional, mantendo um trabalho de parceria e convênios com a Prefeitura Municipal, com empresas locais e regionais através de trabalhos realizados em diversas áreas, como educação, serviços gerais,

projetos de pesquisa, trabalhos de extensão e outros. Desta forma, segue o que está na Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008: “É no território que se materializa o desenvolvimento local e regional na perspectiva da sustentabilidade – um dos preceitos que fundamenta o trabalho dos Institutos Federais” (Pacheco, 2011, p. 79).

2.3.2 Participantes

A entrevista foi realizada com alunos do PROEJA que não concluíram o curso, matriculados nos anos de 2010 a 2014. Em cada ano são matriculados 30 alunos, à exceção do ano 2010 no qual estiveram matriculados 25 alunos, sendo que no total dos 5 anos matricularam-se 145 alunos, dos quais 78 abandonaram, o que corresponde a 54%. Os entrevistados seguiram a definição de pessoa adulta, maiores de 25 anos e que segundo Rothes (2009) é aquele que passou por experiências pessoais, adquirindo maiores responsabilidades de âmbito familiar, social e profissional. O primeiro contato ocorreu no encontro “Saudades e conquistas”, que marca os 10 anos do PROEJA em âmbito nacional e no qual foram recolhidas informações como nome, e-mail e número de telefone. Participaram do evento todos os alunos matriculados desde 2010 no *Campus* Panambi.

Delimitamos a escolha das turmas referentes aos anos de 2010 a 2014, já que os alunos ingressantes em 2015 encontravam-se ainda a frequentar o curso quando se iniciou esta pesquisa. Foram cinco turmas pesquisadas, três de Edificações e duas de Alimentos. A entrevista foi realizada com 20 alunos que abandonaram os cursos nestes 5 anos, permitindo assim uma análise referente às motivações que levaram à evasão.

Os alunos que não fazem parte da pesquisa são os aprovados, os que não aceitaram participar da pesquisa, os que não foram localizados e ainda os que não se enquadram no perfil descrito anteriormente.

Foi disponibilizado um questionário para os 19 (dezanove) professores que lecionam nas turmas e que atuam nas disciplinas básicas e técnicas do currículo dos cursos, para melhor compreensão das causas que os docentes consideram que levam os alunos à evasão no PROEJA. Obtivemos o retorno de 13 professores. Os que não fazem parte da pesquisa são os que não responderam ao questionário e aqueles que não atuam como professores nas turmas do PROEJA.

A intenção quanto à coleta de dados junto de professores e alunos é de cruzar os olhares de ambos sobre os reais motivos da evasão.

Ao realizar esta pesquisa, entendemos que apresenta risco aos sujeitos participantes, mas estão em conformidade com a Resolução nº. 466, de 12 de dezembro de 2012, que diz: “DOS RISCOS E BENEFÍCIOS – Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados”. Entendemos que os participantes da pesquisa podem sofrer danos como desconforto imediato ou posterior, tanto no plano individual ou coletivo. No entanto, a qualquer momento o sujeito da pesquisa pode solicitar sua saída e ter suas informações retiradas da pesquisa.

Contudo, se justificam os possíveis riscos pelos benefícios esperados pela presente pesquisa, como consta no item V.2 DOS RISCOS E BENEFÍCIOS: “São admissíveis pesquisas cujos benefícios a seus participantes forem exclusivamente indiretos, desde que consideradas as dimensões física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual desses”.

3 CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

*Ensinar não é transferir
conhecimento, mas criar as
possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção.*

Paulo Freire

3.1 Análise das entrevistas com alunos evadidos

A fim de atender ao objetivo desta pesquisa, que é identificar e compreender os motivos que ocasionaram a evasão dos alunos do PROEJA, no Instituto Federal Farroupilha, *Campus* Panambi, as questões abordadas na entrevista realizada com eles foram divididas em quatro grandes grupos. O grupo A refere-se à entrada no curso e relação anterior com a escola, compreendendo quatro questões; no grupo B, duas questões são referentes à frequência do curso, nomeadamente situação face ao trabalho e à família; o grupo C é o mais abrangente, pois se dedica ao abandono do curso - momentos e razões -, compreendendo cinco questões; e o último grupo, o D, está relacionado com o momento atual - perspectiva sobre retorno, sugestões e outras partilhas -, com três questões.

Os alunos ingressantes dos cursos PROEJA são em especial os alunos trabalhadores, devido às mais diferentes situações vividas, que muitas vezes levam a períodos de interrupções nos estudos e, conseqüentemente, à evasão. O público da EJA é marcado por uma grande heterogeneidade de indivíduos, segundo Moura (2006 como citado em Bonfim, 2012, p. 68):

A EJA, em síntese, trabalha com sujeitos marginais ao sistema, com atributos sempre acentuados em consequência de alguns fatores adicionais como raça/etnia, cor, gênero, entre outros. Negros, quilombolas, mulheres, indígenas, camponeses, ribeirinhos, pescadores, jovens, idosos, subempregados, desempregados, trabalhadores informais são emblemáticos representantes das múltiplas apartações que a sociedade brasileira, excludente, promove para grande parte da população desfavorecida econômica, social e culturalmente.

O curso PROEJA existe no Instituto Federal Farroupilha – *Campus* Panambi desde a sua instalação, em 2010. Nos anos de 2010 e 2011 ofertaram o curso de Edificações

integrado ao ensino médio, nos anos de 2012, 2013 ofertaram o curso de Alimentos e em 2014 voltaram a oferecer o curso de Edificações, que permanece até o presente ano.

Foram entrevistados 20 alunos evadidos do curso de PROEJA dos anos de 2010 a 2014, correspondendo a cinco anos. Estes entrevistados têm mais de 25 anos de idade, são trabalhadores ou desempregados, com ou sem filhos, e têm residência fixa. A localização destes entrevistados exigiu muita persistência, pois havia passado em média 4 a 8 anos desde abandono até ao momento da entrevista.

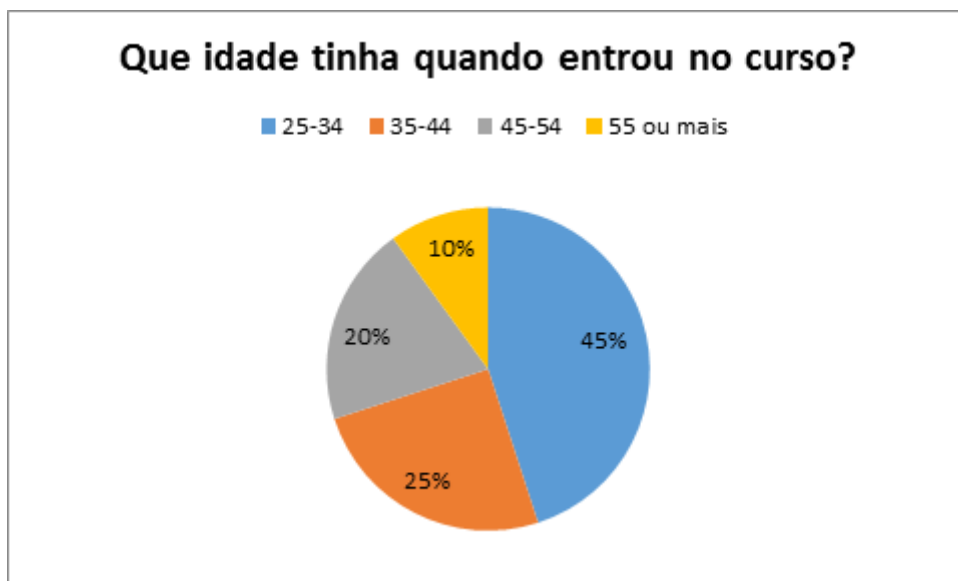
Dos 20 alunos entrevistados, nove alunos são do curso de Alimentos e 11 alunos de Edificações; relativamente ao gênero, 14 alunos são do sexo masculino (seis do curso de Alimentos e oito do curso de Edificações) e seis alunos são do sexo feminino (três de cada um dos cursos).

Observando o perfil dos alunos entrevistados, constatou-se que no IFFAR campus Panambi há uma predominância de homens, correspondendo a 70%, face aos 30% de alunos do sexo feminino. Porém sabe-se que as mulheres em nível nacional evadem mais que os, conforme retrata Santos (2006, como citado em Bonfim, 2012, p. 59):

Pesquisas já demonstraram que muitas jovens adolescentes param de estudar tendo como causa a gravidez, também o casamento, situações vinculadas ao gênero feminino que interdita sua presença na escola. Nesse sentido, é fundamental a observação das causas que levam as mulheres a evadir, pois pode ser um marido ciumento que não reconhece a importância do estudo para sua companheira, necessitando aí uma intervenção cuidadosa por parte dos educadores. As mulheres das classes populares, na sua maioria, desejam que seu companheiro se capacite, objetivando o crescimento do casal, no entanto boa parte dos homens não compartilha do mesmo desejo, temem a formação de sua companheira e não as incentivam ao estudo.

O Gráfico 1 mostra com que idade eles ingressaram no curso do PROEJA no *Campus* Panambi, neste caso a partir dos 25 anos, que foi um dos critérios adotados para esta pesquisa. No entanto, a legislação brasileira considera que a partir dos 18 anos o indivíduo pode ingressar no curso do PROEJA.

Gráfico 1 – Idade dos ingressantes no PROEJA



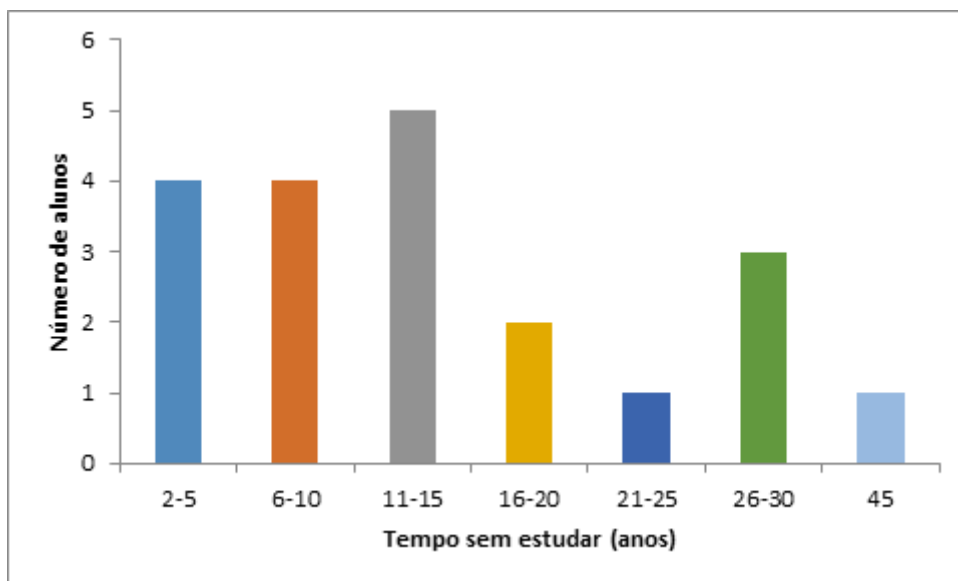
Fonte: Dados da pesquisa.

Como podemos observar no Gráfico 1, quanto à faixa etária ficou evidente a existência de um público com idades diversificadas, isto é, alunos de 25 anos convivendo com outros acima de 50 anos. Percebe-se uma predominância de jovens, sendo que 45% deles encontra-se entre 25 a 34 anos, 25% entre 35 a 44, 20% entre 45 a 54 e 10% têm mais de 55 anos. A propósito da presença de jovens nas turmas de EJA, Brunel (2004, como citado em Bonfim, 2012, p. 59) descreve:

O rejuvenescimento da população que frequenta a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um fato que vem progressivamente chamando a atenção dos educadores e pesquisadores na área da educação. O número de jovens nesta modalidade de ensino cresce a cada ano, modificando o cotidiano escolar e as relações que se estabelecem entre os sujeitos que ocupam este espaço.

Quando questionados sobre o período de afastamento dos estudos, obtivemos os patamares apresentados no Gráfico 2:

Gráfico 2 – Tempo sem estudar (anos)



Fonte: Dados da pesquisa.

Pode-se observar que todos os alunos entrevistados ficaram sem estudar entre o término do ensino fundamental e o início do curso técnico do PROEJA, sendo que os intervalos de tempo que abrangem um maior número de alunos, ou seja, entre 2 a 15 anos, totaliza 65% das respostas, e os intervalos de tempo de abrangem um menor número de alunos, de 16 a 45 anos, correspondem a 35% dos entrevistados.

Verificou-se que, depois de um período afastados da escola, os jovens retornam, via EJA, certos da falta que faz a escolaridade em suas vidas. Esses jovens associam a ocupação em postos de trabalho e lugares de emprego à baixa escolaridade, como podemos verificar nos seguintes excertos das entrevistas.

Entrevistado 46

Venho de uma família que mexe com construção civil, o meu pai era analfabeto mas fazia casa maravilhosas, me encantei. Uma mulher disse que estava abrindo vaga e fui estudar.

Entrevistado 47

Gosto de alimentos, gosto de aprender, hoje eu tenho uma lancheria.

Entrevistado 49

O meu pai e um irmão que trabalham na área da construção civil e eu também trabalhava e queria dar uma melhorada no trabalho.

A trajetória escolar dos entrevistados deixa claro que é necessário criar estratégias que reconheçam e se aproximem das particularidades dos alunos. O documento base cita que

[...] esses alunos/trabalhadores possuem tempos de afastamento dos estudos mais ou menos longos, o que implica a possibilidade de terem sido submetidos a propostas educacionais de diferentes períodos da história da educação no Brasil (Documento Base – PROEJA, 2007, p. 40).

Quando questionados sobre a relação que tiveram com a escola/estudos, percebe-se que os problemas iniciaram-se já na adolescência, uma vez que muitos deles abandonaram os estudos para ajudar os pais no sustento da família. Sousa *et al.* abordam essa temática, relacionando o baixo nível socioeconômico com menor rendimento nos estudos, bem como questões relativas aos alunos que frequentam a escola regular no turno da noite “[...] obrigados a trabalhar para o sustento próprio e da família, exaustos da maratona diária e desmotivados pela baixa qualidade do Ensino, muitos adolescentes desistem dos estudos sem completar o curso secundário” (Sousa *et al.*, 2011 como citado por Araújo & Santos, 2012, *online*).

Para ilustrar uma das principais causas da evasão, dos vinte entrevistados, 70% abandonaram os estudos para trabalhar, causa esta que pode estar relacionada às condições socioeconômicas da família destes estudantes. No levantamento da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais (SEE-MG), foram identificadas 12 principais causas de evasão estudantil. Dentre elas, destaca-se, em primeiro lugar, o abandono do curso por motivo de emprego/trabalho (36,56%) (Lusher & Dore, 2011b, p. 784).

Outro fator que aparece nas respostas dos alunos (abaixo transcritas) e fazendo-se uma análise das vinte entrevistas: 09 alunos deixam claro que tiveram dificuldades nas disciplinas de matemática ou português ou ainda dificuldade em acompanhar as matérias. Muitos ainda mencionaram que foram reprovados em alguma das séries. Nos breves relatos sobre o retorno escolar dos entrevistados, percebe-se que os mesmos tiveram, mais uma

vez, sua trajetória escolar interrompida, como retratam Oliveira e Paludo (2010, p.133):

[...], há que se avançar para uma normatização que rompa com o antigo conceito de escola para todos, mas que busque a equidade no acesso e igualdade de condições para a permanência por meio de mecanismos que permitam a flexibilização da organização didática, especificamente para os cursos PROEJA, que adentraram a resistente organização didática das escolas de excelência. O que não significa oferecer uma educação “menor”, mas uma educação adequada às especificidades dos estudantes, jovens e adultos, que procuram os cursos PROEJA.

Como fica evidente nas falas a seguir:

Entrevistado 41

Gostava de estudar, a escola era longe, na época os meus pais se mudaram, parei de estudar aos doze anos, fiquei um pouco pra trás, tinha dificuldade de acompanhar as aulas, na época era difícil, época de juventude era complicado, tinha que trabalhar para ajudar os meus pais, éramos só três piás.

Entrevistado 42

Gostava de irna escola, comecei a trabalhar com treze anos, tinha que ajudar em casa, então ia picado na escola, quando podia ia, fiquei atrapalhado, não tinha aquela responsabilidade. Tinha dificuldade em português, na verdade uma coisa puxa a outra, não vai, não consegue acompanhar, no fim tinha dificuldade em quase todas as matérias, não consegui acompanhar. Parei por causa do trabalho.

Entrevistado 43

Gostava de irna escola, tinha dificuldade em matemática, estudei até os quinze anos, quinto ano, não tinha condições, comecei a trabalhar, tinha oportunidade de estudar em escola técnica, fora de Panambi, não podia ir pela situação econômica, não tinha condições de comprar roupa.

Entrevistado 52

Gostava da escola, estudei até a 6ª série, sempre tive dificuldade em matemática e

português e fui trabalha, a minha mãe era sozinha com três filhos. Entre gostar e a necessidade de trabalhar, fui trabalhar.

Entrevistado 54

Gostava de irna escola, estudei até a 4ª série, parei com 11 anos, me esforçava, não tinha nota vermelha, dificuldade em portuguêsmas facilidade em matemática. Repeti umas três vezes a quarta série, porque não tinha a quinta série, era longe e não tinha transporte escolar como hoje, só particular e não tinha condições de pagar, se fosse estudar teria de sair de casa, daí parei para ajudar o pai na lavoura. Falo hoje para meus filhos que aproveitem para estudar.

Entrevistado 56

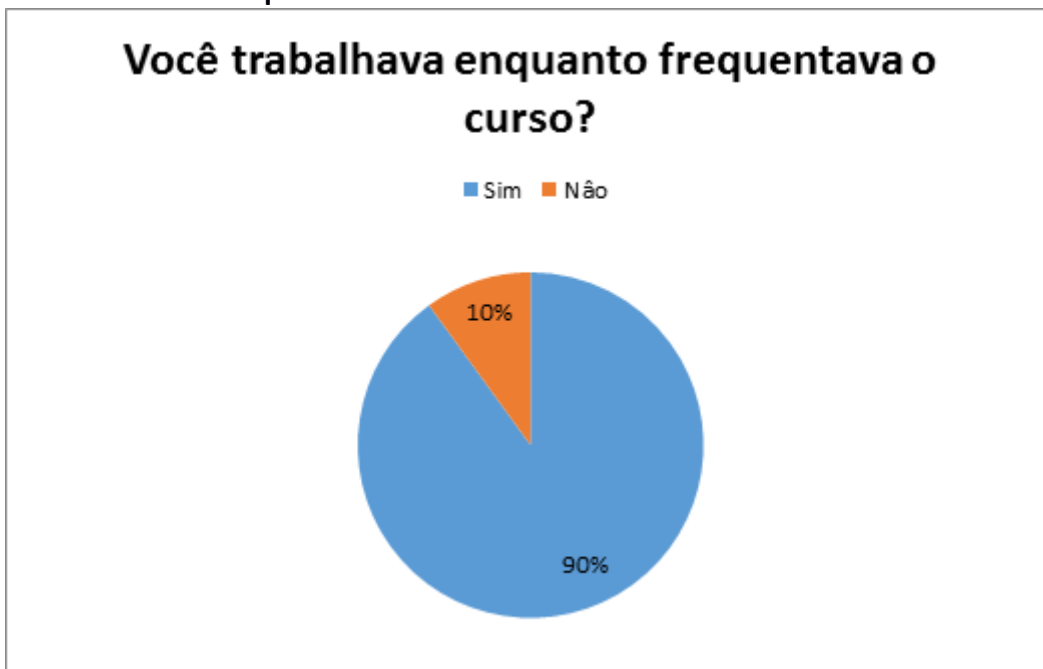
Gostava de irna escola, terminei o ensino fundamental com 17 anos, reprovando duas vezes na sétima série. Minha família não incentivava, a mãe era analfabeta, nunca me disse estuda que é bom, que vai mudar a tua vida. Meu pai alcóolatra. Engravidei, voltei a estudar aos vinte e dois anos com o meu filho, desisti, a prioridade era o meu filho, tinha problemas financeiros.

Entrevistado 60

Gostava de estudar, era atrasado em matemática e português, terminei o ensino fundamental com 17 anos. Vim pra cidade para trabalhar e estudar, trabalhava o dia inteiro e à noite estava cansado para estudar.

O Gráfico 3 a seguir demonstra que a relação de trabalho seguiu vinculada à vida escolar. Percebe-se que 90% dos alunos, quando iniciaram seus estudos no PROEJA, Campus Panambi, estavam empregados no momento da matrícula, apenas 10% desempregados. Já o Gráfico 4 evidencia que a área de atuação da maioria desses alunos (61%) não está relacionada com a área do curso em que estavam matriculados, sendo que apenas 39% responderam que as atividades em que trabalham estavam relacionadas ao curso técnico (gráfico 4).

Gráfico 3 – Alunos que trabalhavam durante o curso



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 4 – Área de trabalho relacionada ao curso



Fonte: Dados da pesquisa.

Observando os dados de que a maioria dos entrevistados estavam trabalhando durante a frequência ao curso técnico do PROEJA em atividades que não tinham relação com a área do curso, isso pode indicar que eles iniciaram sua trajetória profissional sem a

formação básica e, ainda, em uma área na qual também não tiveram formação profissional:

O público adulto, geralmente é constituído por subempregados, desempregados, trabalhadores informais que fazem parte das populações em situação de risco social e/ou são responsáveis pela sobrevivência da família, com pouco tempo para o estudo fora da sala de aula (Documento Base, PROEJA, 2007).

Isso fica evidente nas respostas dos entrevistados:

Entrevistado 41

É vi lá, escutei no rádio do curso de Alimentos, muito bem aplicado nos dias que estamos vivendo, curso de fundamento, cuidando do nosso corpo, deu certo, encaixou de estudar lá, saúde acho que era importante.

Entrevistado 45

Único que ofereciam e a irmã fazia arquitetura e também para concluir o ensino médio.

Entrevistado 54

Já trabalhava como servente de pedreiro e achava que era um conhecimento a mais.

Na fala dos entrevistados acima, percebe-se que não sabiam o que iam estudar e o que iam fazer: “encaixou”, “único”, outro trabalhava na área em que estava estudando, sendo uma oportunidade para eles retornarem aos estudos numa escola técnica e concluí-los. Os entrevistados, mais uma vez, estão buscando a sua inclusão de fato na sociedade como um ser escolarizado. Estas razões que os levaram a ingressar em cursos PROEJA podem ter contribuído simultaneamente para o posterior abandono dos alunos desses mesmos cursos. Conforme Luscher e Dore (2011, como citado em Araújo, 2012, *online*):

[...] a evasão na educação profissional de nível médio representa oportunidades de experimentação profissional – mobilidade –, mas também podem representar instabilidade e falta de orientação aos rumos profissionais que deseja seguir: [...] o estudante pode, por exemplo, escolher um curso em uma determinada área, interrompê-lo e mudar de curso, mas permanecer na mesma área ou no mesmo eixo tecnológico.

Entre as causas que podem influenciar a evasão escolar, no âmbito individual, encontram-se também os “valores, os comportamentos e as atitudes que promovem um maior ou menor engajamento (ou pertencimento) do estudante na vida escolar” (Luscher & Dore, 2011, p. 151). Duas alunas apontaram a gravidez como agente de desistência, um o *bullying*, e outra a dificuldade em conciliar trabalho e estudo como motivos que favoreceram a interrupção dos estudos. No entanto, vale salientar que, além dos relatos expostos a seguir, há mais oito alunos com dificuldades em conciliar trabalho, estudo, família, transporte como motivos para abandono do curso.

Enfatizando essa realidade Oliveira e Paludo (2010, p. 131) explanam que o público da EJA:

[...] busca a escola por necessidade de qualificação e progressão funcional, no entanto já possui várias responsabilidades e tem que priorizar algumas. Por esse motivo busca um Ensino Médio mais aligeirado por não conseguir conciliar trabalho e estudo.

São aspectos que podemos observar nas falas a seguir:

Entrevistado 41-

O motivo foi a dificuldade, era muito corrido, dar conta do trabalho, estudo, família, vi que ia ficando pra trás. A minha esposa estudava comigo, ela continuou, hoje ela é professora, ela conseguiu se formar.

Entrevistado 45-

Fiquei grávida, tinha acompanhamento da psicóloga do IFF, depois que ganhei o filho, fui no IFF, conversei com os professores, entreguei o atestado da licença. Conversei com a psicóloga, inclusive ela frequentava a minha casa... quando foi para voltar a estudar não tinha mais como voltar. (Houve problema na comunicação, entendimento sobre o atestado.) Não pude voltar.

Entrevistado 46-

Uma complicação na gravidez, descobri a gravidez e o problema e fiquei

hospitalizada, abandonei tudo, escola, família.

Entrevistado 47-

Na verdade que era difícil, senti muito em ter que parar, fui para aprender e aprendi muito. O que me fez desistir foi o bullying, colegas gozando de mim, pois tenho uma perna mais curta por causa de um acidente.

Para Bueno (1993, como citado em Araújo & Santos, 2012, *online*), “a palavra evasão pode estar significando uma postura ativa do aluno que decide desligar-se por sua própria responsabilidade”. Pode-se perceber que há pesquisas que relacionam o abandono dos estudos a um “desejo do aluno”; no entanto, neste contexto de estudo, verificou-se que as motivações estão relacionadas a fatores externos ao desejo do aluno.

Outro fator que também devemos levar em conta é a situação familiar dos entrevistados: 85% são casados(as), 10% separado(as) e apenas 1% é solteiro(a); a maioria, isto é 80%, tem filhos.

No grupo de perguntas referente ao momento atual, questionamos se o entrevistado se arrepende de ter abandonado o curso. Se tivesse oportunidade, voltaria? Porquê? Quase a totalidade dos alunos, isto é 95% dos entrevistados voltaria a estudar, o que pode ser considerado um aspecto positivo, pois sugere que a maioria daqueles que evadem ainda estão dispostos a buscar o aprimoramento de conhecimentos e novas aprendizagens. Apresentam-se a seguir excertos da transcrição de três entrevistas que permitem ilustrar as perspectivas dos alunos sobre estas questões:

Entrevistado 46:

Sim, voltaria. Mil vezes, voltaria, porque hoje em dia não é só diploma, tem que estudar, não pode parar, não vai crescer, não vai pra frente, quanto mais sabedoria, quanto mais correr atrás do saber. Não é para ficar rico, é melhor pra você, não é para você dizer para ficar rico.

Entrevistado 51:

Não, voltaria. Continuei trabalhando, fiz companhia para meus filhos e a minha esposa pôde se formar e fez outro curso e também se formou, de certa forma ajudou

a família. O que a gente sente que o tempo vai passando e as oportunidades não voltam. No meu caso não voltaria para o técnico, seria na área das humanas, como história, filosofia.

Entrevistado 60:

Sim, sei lá, começar do zero. Porque hoje talvez poderia estar comandando uma equipe, em cima desta formação, se tivesse formado, sendo que trabalhava na área.

Podemos perceber nas respostas dos entrevistados o arrependimento deles quanto à opção pelo abandono; nas justificativas, apresentam um nível de maturidade a respeito do valor da educação, como de que o curso é uma oportunidade de desenvolvimento profissional, a importância de concluir o ensino médio, que já perderam oportunidades por não terem concluído, e a necessidade de voltar a estudar, para saber mais, para ter mais conhecimento.

Assim como podemos ver em *todos* os discursos, há evidências em relação às trajetórias truncadas dos alunos do PROEJA: “um ponto se destaca: a dificuldade de articular os tempos do viver, sobreviver, trabalhar e os tempos da escola”. Os alunos “correm contra o tempo, têm de escolher entre tempos tão vitais. A escola tem seus tempos rígidos, predefinidos, enquanto os tempos da sobrevivência, do trabalho, são imprevisíveis” (Arroyo, 2009 como citado em Debiasio, 2010, p. 100).

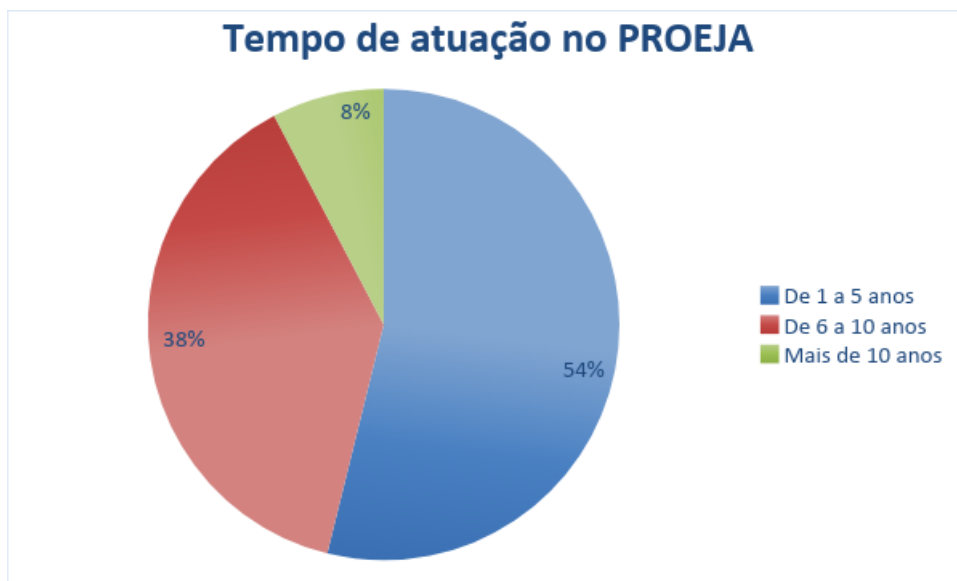
3.2 Análise do questionário dos professores

Iniciei a pesquisa com os professores que atuam no PROEJA – *Campus* Panambi, participando de uma reunião na qual foi dado um espaço para expor o objetivo da pesquisa e de que forma poderia acontecer o seu envolvimento nela, isto é, respondendo a um inquérito por questionário que seria encaminhado através de um *link* pelo google formulários. Na oportunidade, combinei com os professores uma data que seria o prazo para que ele fosse respondido e desta forma as respostas ficassem disponíveis na base de dados. Posteriormente, e devido ao reduzido número de respostas recebidas dentro do prazo acordado, foi reencaminhado mais uma vez o questionário com um novo prazo, bem como a coordenadora do PROEJA lembrava-os quando havia reunião com o grupo. O questionário a

ser respondido *online* é composto de um total de treze questões, sendo sete fechadas e seis abertas. Ao todo são 19 professores que atuam na turma do PROEJA. Isso não quer dizer que são os mesmos atuando todos os anos no PROEJA. Antes de iniciar o ano letivo, os coordenadores de todos os cursos precisam indicar quem serão os professores que ministrarão as disciplinas, o que ocorre em todos os cursos. Por isso podem variar os professores que atuam no curso de um ano para outro, não havendo um grupo específico que atue no PROEJA. Pode-se dizer que os professores estão divididos em dois segmentos: professores que são formados em cursos de licenciatura que ministram as disciplinas básicas (Matemática, Humanas, Língua e Ciências da Natureza) e professores formados em cursos de bacharelado ou tecnólogos, que ministram as disciplinas técnicas (Engenharia, Arquitetura), no caso do PROEJA. Ao todo foram 13 professores que responderam ao questionário, sendo que os demais não se manifestaram; no entanto, nem todas as perguntas abertas foram respondidas por todos os participantes da pesquisa.

Ao iniciar a análise das respostas ao questionário, importa lembrar que a implantação do Campus Panambi se deu em 2010; portanto, está completando oito anos de existência. Os professores (nesta questão 13 responderam) questionados sobre os anos de experiência no PROEJA, a maioria, isto é 54%, trabalha de um a cinco anos no PROEJA, 38% de seis a dez anos e uma minoria de professores, 8%, com mais de 10 anos de experiência, na educação de jovens e adultos (Gráfico 5).

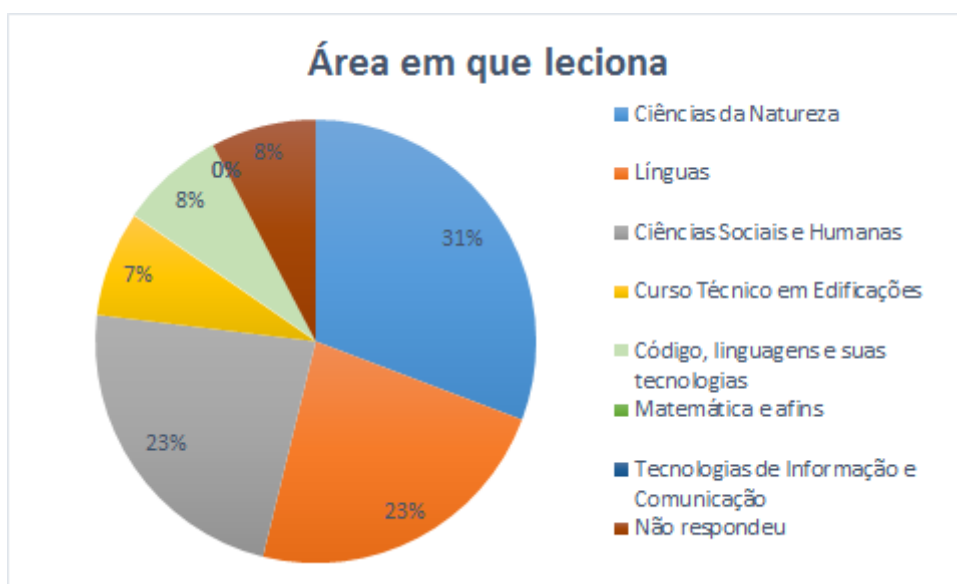
Gráfico 5 – Tempo de atuação no PROEJA



Fonte: Dados da pesquisa.

Dos professores do PROEJA que responderam ao questionário, e de acordo com o gráfico 6, percebe-se a predominância de professores com atuação nas ciências da natureza, com 31%; línguas e ciências sociais e humanas com 23% cada uma; e código, linguagens e suas tecnologias com 8%. Um professor não respondeu a área mas sim o curso, neste caso, curso técnico em edificações. A esta questão responderam 12 professores.

Gráfico 6 – Área em que leciona

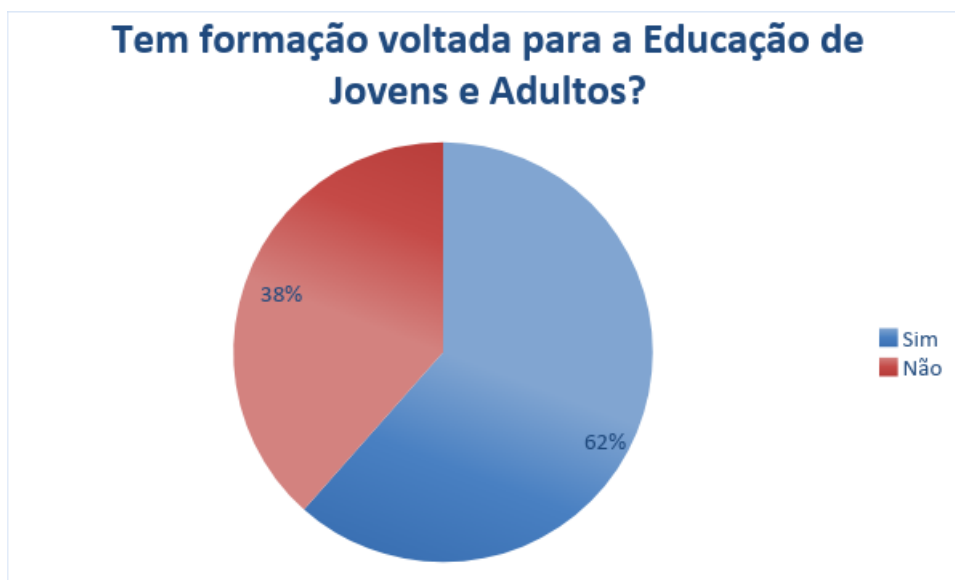


Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 7 apresenta as informações sobre a formação específica para trabalhar com jovens e adultos. Os professores que participaram na pesquisa apresentam o seguinte perfil: a maioria, isto é, 62%, possui formação voltada para a Educação de Jovens e Adultos, e 38% não possui, o que corresponde apenas a cinco professores. Para dois professores essa formação concretizou-se através do mestrado e para os demais através de especialização, formação pedagógica e curso de formação continuada.

Observando estes percentuais, é preciso continuar a “adotar estratégias e metodologias orientadas para a otimização da formação específica de professores e gestores responsáveis por esse modo de fazer educação” (Andrade, 2011 como citado em Ajala, 2011, p. 17), assim como construir uma nova proposta, levando em conta a atual conjuntura social, econômica e cultural, que renove os sistemas de ensino, aproximando-os do contexto dos seus alunos.

Gráfico 7 – Se tem formação voltada para a Educação de Jovens e Adultos



FONTE: Dados da pesquisa.

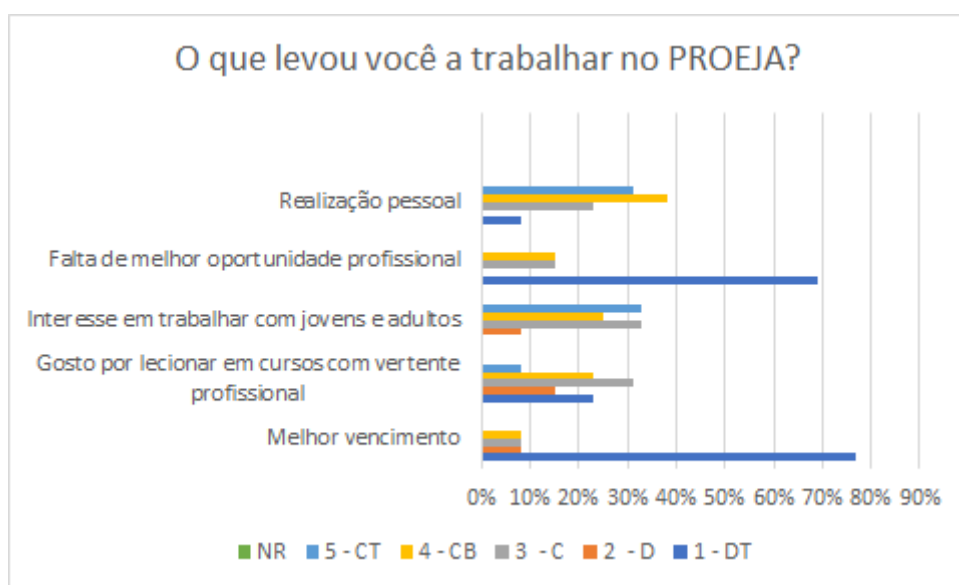
Ainda sobre a formação, é de suma importância que os professores participem de cursos de capacitação, pois é um grande desafio trabalhar com alunos do PROEJA, ainda

mais quando se encontra em desenvolvimento nas instituições a integração da EJA com a Educação Profissional Técnica (EPT), conforme Moura:

A formação dos profissionais para o Ensino Médio Integrado na modalidade EJA deve guardar suas especificidades, mas também precisa estar inserida em um campo mais amplo, o da formação de profissionais para a EPT, pois se trata de uma nova modalidade dentro de um tipo de oferta já existente (Moura, 2006 como citado em Bonfim, 2012, p. 52).

O Gráfico 8 apresenta as respostas do questionamento aos professores sobre o que os levou a trabalhar no PROEJA.

Gráfico 8 – O que levou a trabalhar no PROEJA



Fonte: Dados da pesquisa. NR: Não respondeu; CT: Concordo totalmente; CB: Concordo bastante; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo totalmente.

Realizando uma análise global dos motivos que levaram os professores a se decidir por trabalhar no PROEJA, conforme o Gráfico 8, percebemos que, somando os níveis de concordância (CT, CB e C), o que mais pesou foi: o interesse em trabalhar com jovens e adultos (92%); a realização pessoal (92%) e o gosto por lecionar em cursos com vertente

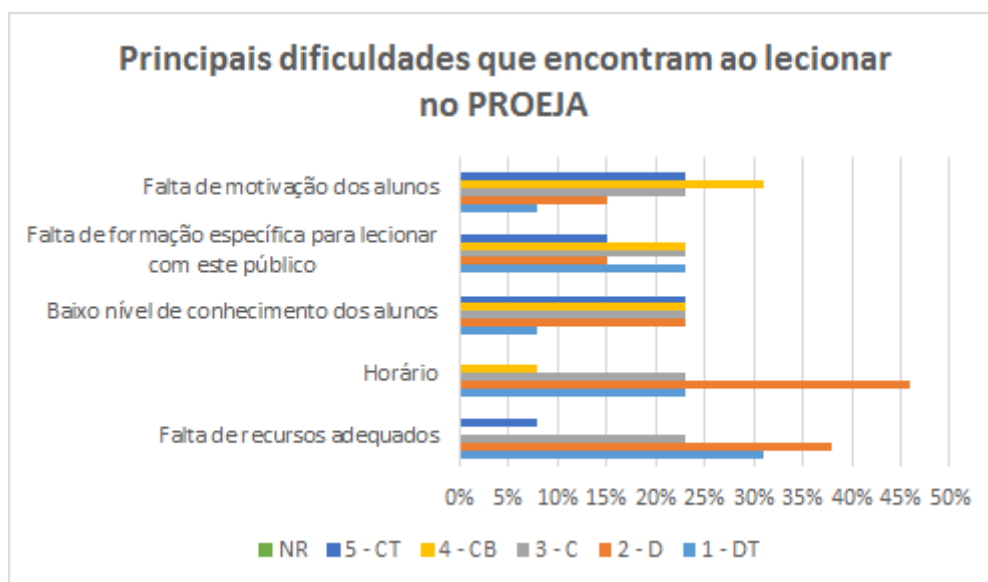
profissional (68%). E o que menos pesou, somando os níveis de discordância (D e DT), foi: melhor vencimento (85%) e falta de melhor oportunidade profissional (69%).

Após analisar as respostas e os resultados dos questionamentos, acima expostos, concordamos com Moysés (2003, p. 15), quando diz:

Há quem pense que o magistério é algo que se improvise; no entanto, é uma atividade profissional que exige preparo especializado para atingir bons resultados. Requer formação com sólidas bases teóricas. Exige, por outro lado, que se conheça a realidade na qual e sobre a qual se atua.

Levando em conta o acima exposto, questionou-se os professores sobre as principais dificuldades que encontram ao lecionar no PROEJA. Foram questionados sobre os itens apresentados abaixo nos gráficos.

Gráfico 9 - Principais dificuldades ao lecionar no PROEJA



Fonte: Dados da pesquisa. NR: Não respondeu; CT: Concordo totalmente; CB: Concordo bastante; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo totalmente.

Analisando a totalidade das respostas dos professores, apresentadas no Gráfico 9, sobre as principais dificuldades que encontram ao lecionar no PROEJA, observamos que, somando os níveis de concordância (CT, CB e C), o que mais pesou foi: falta de motivação dos alunos (77%) e baixo nível de conhecimento dos alunos (69%). E o que menos pesou, somando os níveis de discordância (D e DT), foi: horário (69%) e falta de recursos adequados (69%). Relativamente à falta de formação específica para lecionar com este público 62% mostra níveis de concordância e 38% de discordância.

Pela percepção dos professores, o horário não é um fator negativo, bem como consideram que os recursos são adequados. No que se refere ao baixo nível de conhecimento, pode influenciar na falta de motivação por parte dos alunos, assim como a falta de formação específica para lecionar nas turmas do PROEJA pode influenciar no desempenho dos professores. Ao mesmo tempo que os professores sentem os alunos desmotivados, consideram como uma das potencialidades de lecionar no PROEJA a diversidade de experiências de vida dos alunos (ver gráfico 10).

Na pergunta aberta sobre outras dificuldades que encontram ao lecionar no PROEJA, os relatos discursivos apontados pelos professores foram:

Professor A:

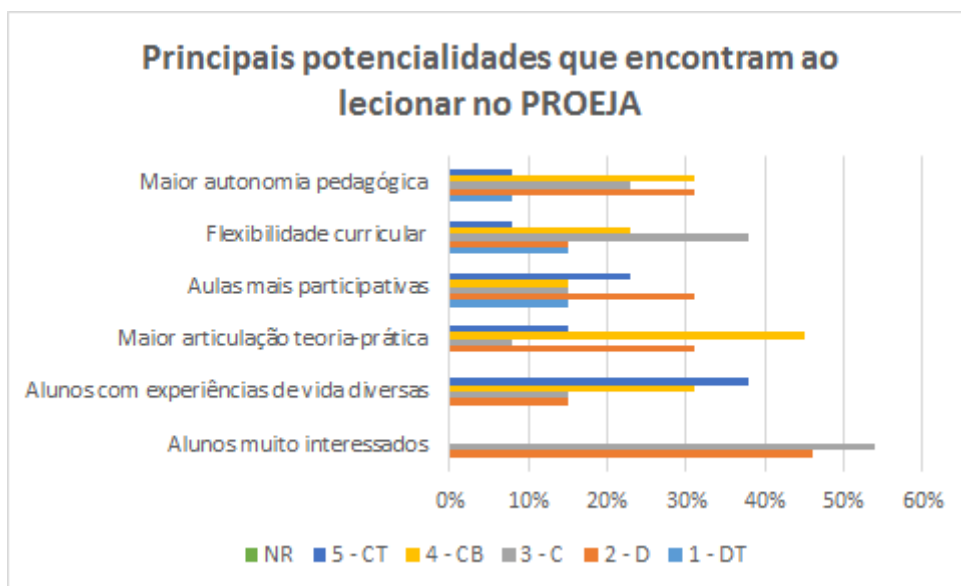
Os alunos que procuram o Programa, em geral, estão há muito tempo afastados dos bancos escolares, temos que acolher essa realidade e agregar paciência para que possam recomeçar e internalizar o ser estudante. São esses os alunos que, em geral, já foram alijados dos bancos escolares quando jovens, dos acessos culturais por um longo tempo. Esses fatores citados fazem com que sejam alunos/alunas desconfiados, sintam-se perseguidos com facilidade. Assim, todo o cuidado com as palavras e tom das palavras precisa ser adotado. Precisam criar rotina de estudo, mas para isso precisam ser despertados para o verdadeiro sentido de estudar. Não dominam e nem têm acesso as tecnologias, muitos não conhecem, não sabem ligar um computador, nunca ouviram falar de pendrive.

Professor B:

As disciplinas serem agrupadas em eixos afeta a prática de forma negativa.

Na questão 6, os professores foram indagados sobre as principais potencialidades que encontram ao lecionar no PROEJA. Podemos observar as respostas no Gráfico 10.

Gráfico 10 - Principais potencialidades ao lecionar no PROEJA



Fonte: Dados da pesquisa. NR: Não respondeu; CT: Concordo totalmente; CB: Concordo bastante; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo totalmente.

Observando o gráfico na sua totalidade, referente às principais potencialidades que os professores encontram ao lecionar no PROEJA, aquelas que reúnem maior nível de concordância (somando CT, CB e C) são: alunos com experiência de vida diversas (84%), flexibilidade curricular (69%) e maior articulação teoria-prática (68%). Os aspectos que reúnem maior nível de discordância (somando D e DT) são: alunos muito interessados (46%), maior autonomia pedagógica (39%) e aulas mais participativas (36%), e maior autonomia pedagógica (39%). No entanto, no que se refere à questão sobre o elevado interesse dos alunos importa referir que os posicionamentos são equilibrados, sendo que 54% dos

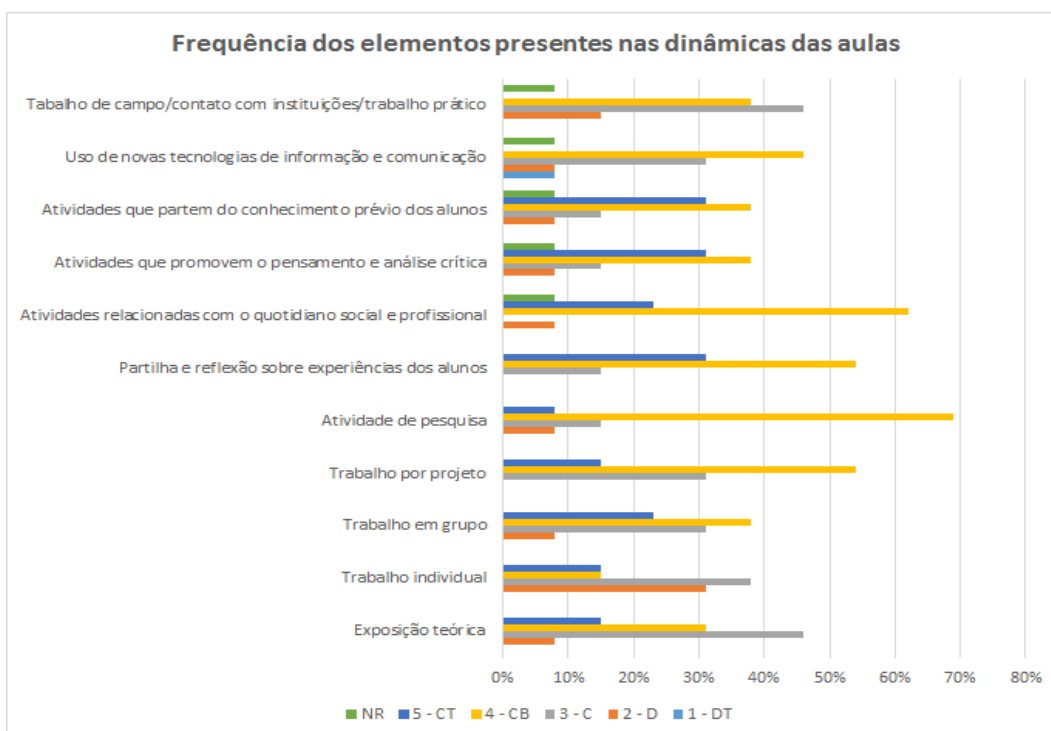
professores concorda e 46% discorda. Também acerca das aulas serem mais participativas, 46% dos professores concordavam e 54% discordavam em níveis diferentes.

Partindo da premissa que os alunos do PROEJA possuem trajetórias de vida escolar semelhantes, conforme o documento base, temos que

[...] esses alunos/trabalhadores possuem tempos de afastamento dos estudos mais ou menos longos, o que implica a possibilidade de terem sido submetidos a propostas educacionais de diferentes períodos da história da educação no Brasil. (Documento Base - PROEJA, 2007, p. 40).

Na questão 7, os professores, quando questionados sobre a frequência com que os seguintes elementos estavam presentes nas dinâmicas das suas aulas, se posicionaram conforme apresentado no Gráfico 11.

Gráfico 11 - Frequência dos elementos presentes nas dinâmicas das aulas



Fonte: Dados da pesquisa. NR: Não respondeu; CT: Concordo totalmente; CB: Concordo bastante; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo totalmente.

Analisando o Gráfico 11 na sua totalidade no que diz respeito à frequência dos elementos presentes nas dinâmicas das aulas, as que mais pesam (somando CT, CB e C) são: partilha e reflexão sobre experiências dos alunos (100%), trabalho por projeto(100%), atividades de pesquisa(92%), trabalho em grupo e exposição teórica(92%). E as que menos pesam (somando D e DT) são: trabalho individual (31%), trabalho de campo/contato com instituições/trabalho prático (15%) e uso de tecnologias de informação e comunicação (15%). A partir do Documento Base do PROEJA verificamos que:

Todos os professores (...) precisam mergulhar no universo de questões que compõem a realidade desse público, investindo seus modos de aprender de forma geral, para que possam compreender e favorecer essas lógicas de aprendizagem no ambiente escolar (Documento Base - PROEJA, 2007, p. 36).

Embora não correspondam aos elementos das dinâmicas das aulas que reúnem maior nível de concordância, as opções de resposta que nos remetem para a compreensão e mobilização de aspetos da realidade dos alunos dos cursos PROEJA obtêm níveis de concordância também muito elevados: atividades relacionadas com o quotidiano social e profissional (85%), atividades que partem do conhecimento prévio dos alunos (84%) e atividades que promovem o pensamento e a análise crítica (84%). Os professores demonstram dessa maneira que valorizam os conhecimentos adquiridos ao longo da vida, procurando tornar o aprendizado mais significativo para o aluno e proporcionando atividades que ajudam no desenvolvimento do questionamento e da análise.

Muitos dos problemas relacionados com a evasão podem estar relacionados ao processo/ensino aprendizagem assim como à relação professor/aluno, o que requer um constante investimento na formação dos professores. Nesse sentido, Azevedo diz:

O trabalho educativo exige essa totalidade dos sujeitos nele envolvidos: além de competências técnicas, requer paixão, vontade política, envolve sentidos, emoções, sentimentos e intuições(...). Nosso maior ou menor comprometimento, nosso maior ou menor engajamento com o trabalho que realizamos decorre do maior ou menor grau de ansiedade, de curiosidade, de prazer que tenhamos em relação a ele (Azevedo, 2003 como citado em Soares & Maldaner, 2012, *online*).

Os cursos oferecidos para o PROEJA são de formação profissional, exigindo um estágio, o que faz com que seja necessário oferecer trabalho de campo, prático, e contato com instituições, justificando também um nível elevado de concordância entre os professores (85%).

O uso de novas tecnologias de informação e comunicação é um fator importante nos dias de hoje para que o profissional chegue ao mercado atualizado e com domínio das ferramentas tecnológicas necessárias para o trabalho. O nível de concordância é elevado, contudo, é das respostas que reúne maior nível de discordância.

Em relação às respostas referentes às principais metodologias usadas para a avaliação das aprendizagens dos alunos do PROEJA (questão 8 do questionário), verificamos uma diversidade se formos fazer uma análise da totalidade das respostas. Porém, por professor, às vezes é usada uma única metodologia, como podemos verificar na transcrição das 12 respostas:

Professor A:

Elaboração de textos, trabalhos de pesquisa, contextualização do conteúdo com a realidade vivida pelos alunos.

Professor B:

Trabalhos, participação em sala, construção de materiais...

Professor C:

Trabalhos em grupo.

Professor D:

Prova escrita, trabalhos de pesquisa, assiduidade, participação e interesse em aula.

Professor E:

Atividades práticas.

Professor F:

Verificação do processo.

Professor G:

Relatórios de aula prática e avaliação na forma de prova.

Professor H:

Textos de sistematização das aprendizagens, pesquisas em grupo e individuais, aulas expositivas, dialogadas, uso de mapas e outras linguagens geográficas para melhor visualizar o conhecimento trabalhado e várias outras, dependendo do que vamos trabalhar.

Professor I:

Práticas com arguição, escritas, envolvimento.

Professor J:

Trabalhos, pesquisas, participação e provas.

Professor K:

Aula expositiva, dialogada e prática.

Professor L:

Avaliação escrita tradicional, avaliação a partir de pesquisas sobre temas relacionados aos conteúdos.

As metodologias usadas para a avaliação das aprendizagens dos alunos podem exercer influência tanto nos resultados escolares quanto em aspectos pessoais de motivação, estudo e aprendizagem dos alunos. Tal processo requer tempo tanto por parte dos professores quanto dos alunos, por envolver ambas as partes. Nesse sentido, os professores devem proporcionar aos alunos vários instrumentos e metodologias diversificadas, favorecendo assim o processo ensino-aprendizagem.

Como pode ser observado nas transcrições da totalidade das respostas, metade dos professores respondentes considera a participação, diálogo, interesse e envolvimento dos alunos em sala de aula para verificar a construção do conhecimento; 5 dos 12 professores utilizam trabalhos de pesquisa. Outras das metodologias mais utilizadas pelos professores são relatórios e textos de sistematização de aprendizagens, atividades práticas e provas escritas. É possível perceber que as metodologias utilizadas para avaliação do conhecimento estão, de modo geral, em consonância com os principais procedimentos didáticos utilizados para o desenvolvimento das aulas e, por consequência, construção de saberes, uma vez que as atividades de projeto e de pesquisa das principais situações de aprendizagem planejadas pelos docentes. Permite-nos também ponderar que os momentos de exposição teórica, uma das dinâmicas de turma que reuniu maior nível de concordância entre os professores, poderão incluir abertura para diálogo e participação dos alunos. Uma das dimensões que se destaca é também a componente escrita quer seja no registo mais tradicional, da prova, quer mais de acompanhamento dos trabalhos e aprendizagens.

A questão 9 indagava: “Quais são, do seu ponto de vista, as maiores dificuldades que os alunos dos cursos PROEJA enfrentam?”. Conforme as respostas dos professores, eles consideram que as principais dificuldades estão relacionadas com: conciliação entre trabalho, família e escola; tempo de afastamento das rotinas escolares; acesso a recursos de comunicação e informação; falta de base conceitual para diversos componentes curriculares que podem vir a influenciar na contextualização de novos conhecimentos. As respostas dos professores estão em consonância com as transcrições das entrevistas a seguir mencionadas:

Entrevistado 41:

O motivo foi a dificuldade, era muito corrido, dar conta do trabalho, estudo, família, vi que ia ficando pra trás. A minha esposa estudava comigo, ela continuou, hoje é professora, ela conseguiu se formar.

Entrevistado 48:

Transporte que era difícil, não tinha ônibus todos os dias, não tinha como ir no reforço, era no horário de trabalho. Tinha dificuldade em matemática.

Entrevistado 57:

Problemas externos, chegava atrasado nas aulas, muitos trabalhos, não conseguia fazer, não tinha como fazer trabalho de aula no horário de trabalho, a empresa é difícil de liberar, fui ficando pra trás.

Entrevistado 61:

O motivo foi realmente, conciliar o horário de trabalho, tinha bastante curso na cidade, às vezes, daí eu faltava no colégio e ainda por não ser o curso que queria.

É preciso que todos os envolvidos no processo educacional exerçam o seu papel com competência e responsabilidade no sentido de superar as dificuldades dos que participam do processo de aprendizagem, conforme Candau (1994 como citado em Carneiro, 2013): “O educador nunca estará definitivo e pronto, pois sua preparação, sua prática, continua meditando através das teorias e confrontando entre si”.

Assim como o educador, nós como seres humanos não estamos definitivos e prontos, possibilitando transformações através da ação-reflexão-ação. Segundo Candau (1994 como citado em Carneiro, 2013, p. 7),

qualquer proposta teórica metodológica em educação, assim como em qualquer área, implica uma concepção de homem¹, de sociedade e de educação, tendo como referência o aporte das ciências como Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia, a Biologia, a História etc.

No que diz respeito a conteúdos descontextualizados, conforme Menegolla (1989 como citado em Carneiro, 2013, p. 9)

[...] a seleção é de alto valor pedagógico, que deve estar direcionado aos interesses sociais, culturais e históricos do aluno, para que as aulas sejam significativas e atraentes, que sirva para o despertar ideológico, conduzindo para o meio social como cidadão crítico, questionador e formador de opiniões.

¹ Leia-se ser humano.

Neste sentido são precisas ações criativas nas aulas, com metodologias que possam torná-las mais significativas, capazes de amenizar a evasão escolar.

Quando questionados sobre os elementos que consideram essenciais para que os alunos do PROEJA consigam concluir o curso com sucesso, os doze professores que responderam elencaram vários elementos, conforme exemplificado nas três transcrições a seguir:

Professor H:

Utilizar a experiência de vida dos alunos, trabalhar com situações-problemas do cotidiano deles para inserir os conhecimentos, buscar dar o tempo e espaço necessários para as aprendizagens, utilizar metodologias que possam conciliar teoria e prática.

Professor I:

Organizar rotinas de estudo (em casa) e de frequência em aulas, paciência pedagógica do professor, acolhida na escola, criar sentimento de pertença, adequação do vocabulário ao nível do aluno.

Professor L:

Dedicação dos professores no intuito de transpor a barreira entre os conhecimentos preexistentes e os conhecimentos necessários para a conclusão do curso por parte do aluno. Trabalhos de motivação constante.

Pode-se observar na análise das respostas obtidas que os principais pontos que convergem, no que se refere aos elementos que contribuem para a conclusão do curso com sucesso, são a contextualização do conhecimento a ser trabalhado, relacionando-o diretamente a situações do cotidiano do aluno, uma vez que a maioria desses possuem inúmeras experiências profissionais, sociais, pessoais que podem ser significativas na

organização das novas situações de aprendizagens. Junto a isso, destaca-se também como aspecto importante e mencionado pelos respondentes, a relação entre teoria e prática, que também vem ao encontro do elemento anterior.

Um elemento que se destaca também nos relatos analisados é a questão da motivação, pois se percebe que ela é mencionada como um fator que deve permear todas as ações que envolvem o processo de ensino-aprendizagem.

Percebe-se também que os respondentes destacam a importância do diálogo permanente a fim de estreitar a relação professor/aluno, bem como as demais relações entre todos os sujeitos que compõem o grupo, desenvolvendo um sentimento de pertencimento ao espaço escolar, o que certamente motivará a conclusão com sucesso do curso.

Todas as considerações têm como objetivo o sucesso do aluno, os aspectos levantados demonstram que a responsabilidade fica dividida entre ambos os sujeitos: alunos e docentes. Os alunos têm responsabilidade em envolver-se e incluir os estudos como prioridade na sua rotina, enquanto os professores devem buscar metodologias considerando o tempo necessário para o aprendizado dos conteúdos e também a necessidade de adequação dos termos e vocabulário utilizados. Outro aspecto importante é o acolhimento e a motivação que devem permear a relação professor/aluno, conforme Morgado:

Ao vislumbrar no professor aquele que poderá provê-lo de conhecimento, o aluno elege-o como autoridade; ao ensinar, o professor exerce a autoridade que o aluno lhe atribui. Estabelecem-se, assim, as condições transferenciais para que a relação pedagógica remeta à relação original (Morgado, 2002 como citado em Soares & Maldaner, p. 87, 2012, *online*).

Na questão 11, em relação à pergunta “o que está ao seu alcance fazer para diminuir os casos de abandono”, os professores demonstram coerência com as respostas do questionamento anterior, é possível perceber nos elementos anteriormente citados possíveis fatores que podem prevenir um abandono. É o caso da utilização de metodologias diferenciadas para o desenvolvimento das aulas, também de situações significativas para a construção de conhecimento (aprendizagens significativas), ligadas ao cotidiano do aluno.

Destaca-se também que o diálogo continua sendo muito mencionado como fator indispensável a motivar o aluno à continuidade dos estudos, conforme pode ser identificado nas seguintes falas:

Professor H:

Dialogar muito com os alunos, trazer conhecimentos que possuam significado, tratá-los como pessoas que estão buscando um direito que lhes foi negado, auxiliar constantemente nas dificuldades de aprendizagem.

Professor I:

Dialogar com os alunos dando-lhes lugar de vez e voz, ao perceber o mínimo desejo de abandono agir de imediato mobilizando o aluno e os demais colegas para tal, aplicação de metodologias facilitadoras de aprendizagens.

Para tanto, se faz necessário investir na formação inicial e continuada dos professores, conforme Maraschin (2005 como citado em Dellazzana *et al.*, 2006, p. 34), para que se “possibilite ao professor uma participação mais ativa no universo profissional, político e cultural e que desenvolva a autonomia e a capacidade de lidar com as transformações que vêm ocorrendo na economia, na cultura e na sociedade”.

A evasão escolar está presente em todas as unidades escolares, sendo um problema nacional, causando preocupações no cenário educacional brasileiro, em virtude do analfabetismo, da falta de valorização dos profissionais da educação e da falta de condições adequadas para o desenvolvimento do seu trabalho.

Na questão 12, no que se refere ao questionamento sobre o que pensam que está ao alcance da instituição fazer para diminuir os casos de abandono nos cursos do PROEJA, é muito evidente a menção à necessidade urgente de formação continuada dos docentes, considerando a necessidade de aproximar o conhecimento acadêmico e o mundo da vida. Outro aspecto destacado é a importância em investimentos em ações para fortalecer a

assistência estudantil, como forma de subsidiar dificuldades externas à instituição, como por exemplo auxílios financeiros em forma de bolsas.

Conforme a opinião dos professores, transcrita a seguir, a instituição deveria investir em alguns aspectos, tais como:

Professor H:

Investir mais em assistência estudantil e promover formação continuada para os professores dentro do campo EJA. Além disso, ter alguém que converse com os alunos que começam a faltar para tentar evitar o abandono.

Professor I:

Formação continuada de professores, aproximar fios condutores entre os componentes curriculares, ações de acolhida e escuta permanente, menor troca de professores que dão aula nas turmas a cada ano.

Professor J:

Oferecer os mais diferentes auxílios.

Os professores acolheram para si a responsabilidade como profissionais da educação em proporem atividades, atitudes, ações, práticas pedagógicas que possivelmente possam contribuir para a diminuição dos casos de evasão nas turmas do PROEJA.

No que se refere à Instituição, os professores solicitaram que houvesse investimento na formação continuada para os docentes e ações de acolhida e escuta permanente para com os alunos, bem como elaborar estratégias para promover a permanência e êxito. Uma dessas estratégias conforme mencionado na penúltima fala transcrita acima, poderia ser a articulação no planejamento das atividades entre os componentes curriculares, ou seja, planejamento interdisciplinar, interligando e significando saberes a partir da contribuição das diversas áreas. Outra estratégia, que começa a ser desenvolvida, mas que tem muito

paraser aperfeiçoada, é um plano pedagógico de ações de permanência e êxito dos estudantes.

Ao final do questionário, os professores foram convidados a deixar algum comentário referente aos temas que eles consideraram que não foram suficientemente abordados:

Professor B:

A educação de jovens e adultos é tema complexo. Noto o despreparo de muitos professores para atuar no PROEJA (bem como o meu despreparo), o que também é fator de evasão. Muitos alunos do PROEJA vêm de um passado de fracasso escolar e enfrentam dificuldades econômicas e sociais. Penso que alguns alunos têm êxito porque são obstinados, mas são minoria. Cabe ao professor e à instituição acolher esse aluno da melhor forma. Antes de tudo, o professor deve estar motivado, o professor precisa gostar do aluno.

Professor C:

Trabalhar com ensino de jovens e adultos é uma tarefa gratificante, mas totalmente diferente de uma sala de aula tradicional. Enquanto não tivermos professores capacitados para essa função, a evasão sempre fará parte do processo.

Professor D:

Muitos professores que hoje atuam no nosso campus, nesse programa, não se identificam com a proposta, com perfil de alunos e nem querem se investir nessas perspectivas. Entram na sala e são hostis com os alunos que por consequência se sentem desrespeitados. Antes de querer ensinar alguém ou algo, é preciso estabelecer identidade, respeito e desejo.

Em relação às respostas acima, Oliveira, Moraes e Dourado (2002 como citado em Araújo, 2012, p. 76):

acrescentam que a relação entre aluno e escola deve ser mediada por muito compromisso e respeito. Cada ator deve desempenhar a sua função. Afirmam os estudiosos que deve haver muitas negociações, troca de experiências e, acima de tudo, muita compreensão sobre as diversidades que devem convergir para um único fim – o da aprendizagem do aluno.

Para melhor compreensão das respostas a esta questão, concordamos com Arroyo (1991 como citado em Leite, 2012, p. 93) quando salienta que

a escola para o povo é possível, mas que as tentativas empreendidas apresentam falhas estruturais que conseguem fazer com que o aluno não obtenha o desempenho esperado, optando por vezes por desistir a considerar a dificuldade de enfrentar um processo que está estruturalmente comprometido, uma vez que faz com que o aluno fique estagnado ou fora da escola. A escola pública, pelo fato de ser aberta, acaba recebendo um público diversificado que cria subgrupos dentro do mesmo ambiente, essa é uma realidade educacional que não se modificou através dos tempos.

Ainda sobre esse ponto, Araújo destaca a posição de Aquino (como citado em Araújo, 2012, p. 86), “quando pontua que a evasão escolar constitui um fracasso não só do aluno, mas também das instituições escolares incapazes de ancorar a população a que elas se destinam. Nesse sentido, todos os que fazem parte do processo estão envolvidos”.

Cabe às instituições reverem suas ações para sanar as causas da evasão. Nesta pesquisa aparece um outro fator que pode estar contribuindo, o fato de não serem os mesmos professores que atuam durante toda a duração do curso PROEJA, ficando a cargo dos coordenadores a escolha dos docentes, levando em conta as necessidades dos cursos. Nas respostas dos doze professores que atuam no curso do PROEJA, cinco apontaram a necessidade de investir na formação e capacitação dos professores, como é salientado a seguir:

Professor B:

Investir na formação continuada dos docentes.

Professor C:

Formação para os professores.

Professor E:

Capacitação dos professores.

Professor H:

Investir mais em assistência estudantil e promover formação continuada para os professores dentro do campo da EJA. Além disso, ter alguém que converse com os alunos que começam a faltar às aulas para tentar evitar o abandono.

Professor I:

Formação continuada de professores, aproximar fios condutores entre os componentes curriculares, ações de acolhida e escuta permanente, menor troca de professores que dão aula nas turmas a cada ano.

Ainda nessa linha de pensamento, Aquino (1997 como citado em Araújo, 2012, p. 86) elucida que “(...) fracassamos não simplesmente nas tarefas de proporcionar ao indivíduo que estuda uma oportunidade de seguir seus estudos, de obter um diploma e se inserir no mercado de trabalho”.

O desafio que fica diante do exposto não é somente a garantia de vaga e a aprendizagem, mas acima de tudo a permanência do aluno na escola considerando-se as demandas sociais e as necessidades dos alunos.

A educação de jovens e adultos exige que cada ator desempenhe o seu papel, garantindo assim uma educação de qualidade que resgate a cidadania para aqueles que a procuram.

Os profissionais da educação de tempos passados, sem a sofisticação das nossas técnicas metodológicas e estatísticas, não perderam o senso do real, da percepção do evidente: o problema central estava, e continua a estar, no fracasso da escola e não do aluno, no fracasso político de um Estado omissivo e de uma sociedade elitista e excludente (Arroyo, 1992 como citado em Leite, 2012, p. 94).

Ainda conforme o entendimento de Arroyo (1992 como citado em Leite, 2012, p. 94):

a escola é o elemento de controle na relação entre a escola e o indivíduo, por esta razão de deter mais poder, torna-se responsável pela manutenção do sucesso escolar em múltiplos aspectos. Nessa perspectiva, o sucesso do aluno é o sucesso da escola e vice-versa. Aderindo à tese de que tudo o que acontece com o aluno tem a ver com escola, ou seja, que a escola é a instituição responsável por educar independente das condições que se apresentem, desta perspectiva passa a ser possível considerar que a evasão se enquadra nos aspectos de fracasso escolar.

Partindo do princípio de que a escola existe pela existência dos alunos e a mesma se sente responsável pelo sucesso ou insucesso deles, independente das condições em que se encontra

[...] a reconfiguração da EJA não pode começar por perguntar-nos pelo seu lugar no sistema de educação e menos pelo seu lugar nas modalidades de ensino. [...] O ponto de partida deverá ser perguntar-nos quem são esses jovens e adultos (Arroyo, 2006 como citado em Almeida, 2009, p. 95).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um breve histórico, aqui realizado, referente ao programa para jovens e adultos que visa elevar a escolarização e a qualificação profissional, desenvolvido pela Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, possibilitou uma compreensão desta modalidade de ensino.

Esta pesquisa foi realizada tendo como objetivo compreender os fatores que levam à evasão no PROEJA do IFFAR. Os alunos que frequentam a modalidade de ensino para jovens e adultos são fruto de várias tentativas fracassadas de retomada de seus estudos. Também, como podemos verificar nos dados da pesquisa, os períodos de afastamento escolar são longos, em média de quatro a oito anos, até a concretização da matrícula no IFF. Um dos principais motivos que levaram a abandonar a escola foi para trabalhar, ajudando assim na situação sócio-econômica da família. Outrossim, enfrentaram dificuldades em conciliar trabalho e estudo, problemas familiares e saúde, dificuldades em algumas matérias, o que leva à desmotivação em sala de aula, às vezes por não entenderem as atividades propostas. Outros, talvez por falta de apoio familiar, dos professores, e sem capacidade suficiente para a superação das dificuldades, interromperam a permanência no ambiente escolar.

Estes alunos, quando retornam aos bancos escolares, necessitam um olhar mais aprofundado sobre a trajetória de vida, assim como escutar palavras de alento e valorização, desenvolvendo neles a autoconfiança, sua autoestima, motivando-os para a busca do conhecimento sistematizado. Enfim, é preciso:

Conhecer os alunos, suas experiências familiares e pessoais de trabalho, moradia, emprego, desemprego, formas de sobrevivência; suas experiências espaciais, na moradia, no campo, ou na rua, na periferia, ou no centro; seus trabalhos em casa, fora de casa; suas experiências de exclusão, de afeto ou violência, suas identidades raciais, de gênero, raça, idade; seus horizontes de vida,... suas trajetórias escolares truncadas (Arroyo, 2009 como citado em Debiasio, 2010, p. 104).

Acreditamos que assim este aluno vai se tornar mais integrado no grupo familiar, no ambiente escolar e na vida em sociedade, favorecendo a mudança nas suas relações no meio em que vive. Conforme Moura (1999 como citado em Dellazzana *et al.*, 2006, p. 44)

considera que, a partir da apropriação do conhecimento, o sujeito chegará a diferentes níveis de aprendizagem, possibilitando a tomada de consciência de suas

ações de forma planejada, deliberada, tornando-se autor de seus próprios projetos de vida.

O desafio referente à evasão não é um problema exclusivo do PROEJA, é uma questão conjuntural refletida na educação brasileira. Este estudo revela a importância de se realizar um acompanhamento dos alunos evadidos da Instituição a fim de identificar os motivos de abandono e como esse encontra-se inserido na sociedade.

A plena implantação do Portal de Egressos e o Programa de Permanência e Êxito poderão contribuir para a compreensão das causas da evasão, não só dos alunos do PROEJA como também dos demais cursos da Instituição. Todo este processo de exclusão aponta para uma reflexão sobre dimensões de atuação da instituição, da prática docente e do contexto de vida e características de cada sujeito.

Os professores, ao responderem ao questionário, revelaram a necessidade de formação. Dar aulas e atuar como professor nas turmas de jovens e adultos, é um processo complexo pela diversidade de histórias de vida dos alunos, o que requer uma proposta pedagógica para abordar e poder fazer uma intervenção nesta realidade. Mas isso requer do professor algumas características pessoais e o conhecimento de metodologias que tornem viável o processo ensino-aprendizagem.

Além disso, penso que um dos problemas da evasão pode estar relacionado ao fato de não ser o mesmo grupo de professores que atuam nas turmas do PROEJA, pois é o coordenador que define onde os professores vão atuar. Nesse sentido, acredito que os professores não criam vínculos ao buscaremos ferramentas necessárias para o desenvolvimento de suas aulas nesta modalidade de ensino.

Além das dificuldades apresentadas podemos nomear elementos como a necessidade de formação continuada dos professores e o aprofundamento conceitual e prático no campo do currículo integrado como objetos de futuras pesquisas.

Os resultados desta pesquisa contribuem para a instituição IFFAR Campus Panambi como subsídio para discussões de novas práticas e elaboração de políticas que busquem o acolhimento e permanência de novos alunos na modalidade de educação de jovens e adultos, transformando a experiência de fracasso escolar em sucesso em suas vidas.

Este trabalho me possibilitou aproximar a teoria com a prática e me sentir de novo aluna, tal como os alunos do PROEJA, voltando a estudar. Pude sentir na pele o que os

alunos sentiram. Uma oportunidade única, apesar de tudo – muito choro, momentos de angústia, desespero... Mas, no final deste trabalho, eu posso dizer “EU SÓ APRENDI, SOU GRATA”:por voltar a estudar, conviver com outros colegas, conhecer outro país e conhecer colegas de trabalho que foram fundamentais para que eu pudesse colocar o ponto final neste trabalho.

5 REFERÊNCIAS

- Ajala, M. C. (2011). *Aluno EJA: motivos de abandono e retorno escolar na modalidade EJA e expectativas pós EJA em Santa Helena-PR*. Monografia(Especialização)-Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira.
- Araújo, C. F., Santos, R. A. (2012). *A educação profissional de nível médio e os fatores internos/externos às instituições que causam a evasão escolar*. Trabalho apresentado no 4º International Congress University Industry Cooperation.
- Azevedo, F. (1971). *História de minha vida*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Bonfim, S. V. M. S. (1983). *A problemática da evasão de estudantes vinculados ao PROEJA no IF Baiano – Campus Guanambi*.
- Carneiro, S. S. (2013). *Práticas escolares para diminuir a evasão na EJA*. Cadernos PDE, v. 1, 2013. Disponível em:
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unioeste_gestao_artigo_aparecido_mendes_cardoso.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2018.
- Cunha, C. M. D. (2001). Introdução: discutindo conceitos básicos. In: SEED-MEC Salto para o futuro: Educ ARROYO, Miguel. *A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. Alfabetização e Cidadania*, São Paulo: RAAB, n.11, p.9-20, abr.
- Cunha, L.A. (1991). *Educação, Estado e democracia*. São Paulo: Cortez; Niterói: EDUFF; [Brasília, DF]: FLACSO.
- Debiasio, F. J. M. (2010). *Acesso, permanência e evasão no Proeja em instituições de ensino de Curitiba-PR*. Mestrado em Tecnologia (Dissertação), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.
- Dellazzana, A. R. et al. (2006). A educação de jovens e adultos: uma modalidade de ensino para a suplência ou formação integral do indivíduo? *Vidya*, Santa Maria, v. 26, n. 2, p. 33-46.
- Documento Base - programa de integração da educação profissional técnica de nível médio ao ensino médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA*. Brasília, DF: SETEC, 2007.

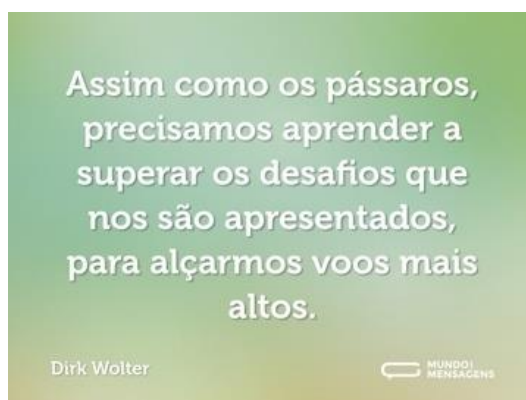
- Eugênio, B. G. *O Currículo na Educação de Jovens e Adultos: entre o formal e o cotidiano numa escola municipal em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: PUC/MG, 2004 (Dissertação de Mestrado em Educação)
- FME. *Memória do Fórum Mundial de Educação: alternativas para construir um outro mundo possível*. Coordenação, organização e texto de Stela Rosa. Brasília: MEC/INEP, 2007.
- Freire, P., & Nogueira, A. *Que fazer: teoria e prática em educação popular*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- Gadotti, M. (2007). *Educar para um outro mundo possível*. São Paulo: Publisher Brasil.
- Houaiss, A. (1986). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Instituto Federal Farroupilha (2014). *Plano de desenvolvimento institucional 2014-2018*. Santa Maria: IF FARROUPILHA. Disponível em:
<http://w2.iffarroupilha.edu.br/site/midias/arquivos/2014816145120955pdi_2014_2018.pdf>> Acesso em: 14 mar. 2018.
- Instituto Federal Farroupilha (2015). *Projeto do Programa Permanência e Êxito dos Estudantes no IF Farroupilha*. Santa Maria: IF Farroupilha.
- Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 de dez. 1996.
- Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008*. Instituto Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e dá outras providências. Brasília, DF: Publicado no D.O.U de 30/12/2008.
- Luscher, A. Z., Dore, R. (2011). Política educacional no Brasil: educação técnica e abandono. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*. (RBPG), Brasília, v. 8, supl. 1, p. 147-176.
- Luscher, A. Z., Dore, R. (2011). Permanência e evasão na educação técnica em nível médio em Minas Gerais. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 144.
- Machado, M. R. L., Moreria, P. R. (2008, junho). *Educação Profissional no Brasil, Evasão Escolar e transição para o Mundo do Trabalho*. Comunicação apresentada no Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica (SENEPT), 1., Belo Horizonte, Brasil.
- Minayo, M. C. S., Deslandes, S. F., Gomes, R. (2012). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Moysés, M. L. (2002). *O desafio de saber ensinar*. 2. ed. São Paulo: Summus.

- Moreira, P. R. (2012). *Evasão escolar nos cursos técnicos do PROEJA na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica de Minas Gerais*. - UFMG/FaE.
- Oliveira, L. T. B., Paludo, C. (2010). Formas de ingresso e permanência em PROEJA. In: Benvenuti, J. et al. (Org.). *Cadernos Proeja: especialização no Rio Grande do Sul*. Refletindo sobre o PROEJA: Produções em Porto Alegre. Pelotas: Universitária/UFPEL.
- Pacheco, E. (Org.). (2011). *Institutos Federais: Uma revolução na educação profissional e tecnológica*. Brasília; São Paulo: Moderna.
- Paiva, J., Machado, M. M. & Ireland, T. (2007). *Educação de Jovens e adultos: uma memória contemporânea, 1996-2004*. Brasília, DF: SECAD; UNESCO. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=657-vol1ejaelt-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 26 dez. 2017.
- Pedralli, R., & Cerutti-Rizzatti, M. (2013). Evasão escolar na educação de jovens e adultos: problematizando o fenômeno com enfoque na cultura escrita. *Rev. Bras. Linguist. Apl.*[online]., vol.13, n.3, pp.771-788.
- Peixoto, J. T. L. (2007). *Os outros panambis: índios e caboclos, os esquecidos da história*. In: Panambi múltiplos olhares. Museu e Arquivo Histórico de Pnambi – Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo.
- Rauen, F. J. (2013). *Roteiros de iniciação à pesquisa*. Palhoça: Unisul.
- Rothés, A., Lemos, M. S. & Gonçalves, T. [s.d.]. *A motivação dos adultos para a participação educativa*, (Material do professor Luis Rothés). Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Saltini, C. J. P. (2008). *Afetividade e inteligência*. Rio de Janeiro Wak..
- Soares, M. B. (1985). As muitas faces da alfabetização. *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*, São Paulo, n. 52, fev. 1985, 16.
- Soares, M. B. (1998). *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte, Autêntica.
- Soares, M. B. (2003). *Alfabetização e Letramento*. São Paulo: Contexto,
- Soares, L. (2002). *Educação de jovens e adultos*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Soares, L. J. G. (1996). A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais. *Revista Presença Pedagógica*, v. 2, n. 11, Dimensão, set/out.
- Soares, S. J., & Maldaner, J. J. (2012). *A docência no PROEJA: um estudo de caso sobre o conceito do “bom professor” no IFTO - Campus Araguatins*. Comunicação Apresentada no

Congresso Norte e Nordeste de Pesquisa e Inovação, Palmas, Brasil. Disponível em:
<<http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/view/1331/2165>>. Acesso em:
03 jun. 2018.

Souza, C. M. (2015). *Políticas Educacionais para a educação de jovens e adultos: o significado do proeja segundo pesquisadores do OBEDUC*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense. 2015.

ANEXO A - PAUTA DA REUNIÃO COM PROFESSORES DO PROEJA



REUNIÃO PROEJA 10/04/2018

Pauta:

- 1- Apresentação dos projetos de dissertações das colegas Ana Paula e Gerda envolvendo o Proeja;
- 2- Devolutiva de problemas de alunos abordados na outra reunião;
- 3- Cronograma de PPI;
- 4- Planos de trabalho;
- 5- Discussão sobre Proeja Fic;
- 6- Assuntos gerais.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE

O(a) senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de Mestrado em Educação: Especialização em Educação e Formação de Adultos da Escola Superior de Educação – ESE, do Instituto Politécnico do Porto – IPP, de Portugal. Intitulada “**Estudo sobre a evasão do PROEJA do Instituto Federal Farroupilha – Campus Panambi**” que será desenvolvida através de entrevista, tendo como objetivo geral identificar os motivos que ocasionaram a evasão dos alunos do PROEJA IFFAR e objetivos específicos: analisar as políticas educacionais no âmbito do IFFAR voltados para a permanência dos alunos do PROEJA; caracterizar o perfil dos estudantes que buscam pelo PROEJA no Campus Panambi; identificar os motivos que levam os estudantes a retornar nos programas do PROEJA; identificar principais dificuldades dos alunos para a conclusão do curso; construir possíveis caminhos para evitar a evasão no PROEJA.

Será previamente marcada a data e horário para realizar a aplicação do instrumento, utilizando a forma de entrevista. Nós pesquisadores garantimos seu anonimato, o qual está assegurado e as informações obtidas serão utilizadas exclusivamente para fins científicos vinculados a este projeto de pesquisa. Você terá acesso às informações e poderá realizar qualquer modificação no seu conteúdo, se julgar necessário. Tens liberdade para recusar-se a participar da pesquisa, ou desistir dela em qualquer momento sem constrangimento. Você poderá solicitar que as informações sejam desconsideradas no estudo, se assim o desejar.

Está garantido que você não terá nenhum tipo de despesa financeira durante o desenvolvimento da pesquisa, como também, não será disponibilizada nenhuma compensação financeira. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão ressarcidas. Em caso de dano, durante a pesquisa será garantida a indenização.

Os riscos em participar da pesquisa podem ser: desconforto, cansaço, tristeza por reviver situações emocionais de estresse, relembrar momentos difíceis e sintomas físicos, histórias de sua vida desagradáveis, entre outros. Se isso ocorrer à entrevista será interrompida e o discente será encaminhado para avaliação no setor de saúde da instituição ou se necessário receberá acompanhamento da Psicóloga.

A sua identidade será preservada, pois cada indivíduo será identificado por um número. Os participantes do estudo poderão ser beneficiados pela oportunidade de refletir acerca de sua vida

acadêmica e com o resultado da pesquisa é que serão fornecidos os dados aos gestores da instituição a fim de traçarem estratégias para melhorar o desenvolvimento educacional e institucional.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão os pesquisadores a estudante de mestrado Gerda Ferreira e a Professora Dr^a Carina Coelho.

Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos científicos. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome. Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR: Gerda Ferreira

NÚMERO DO TELEFONE: 55 - 991196177

ENDEREÇO: [Rua Augusto Loose, N°202](#), Bairro Medianeira.

E-mail: gerda.ferreira@bol.com.br

ASSINATURA DO PESQUISADOR

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP IF Farroupilha

[Rua Esmeralda, 430](#), Bairro Camobi, Santa Maria, Rio Grande do Su–Fone/Fax:

(55)32189850

e-mail: cep@iffarroupilha.edu.br

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - SEPN 510, Norte, Bloco A, 3ºandar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF- CEP: 70750-521 - Fone: (61)3315-

5878/ 5879 – e-mail: conep@saude.gov.br

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso

Assinatura

Local: _____

Data: ____/____/____.

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM ALUNOS

Guião de entrevista - estudantes

A presente entrevista insere-se na pesquisa de mestrado “Estudo sobre a evasão do PROEJA do Instituto Federal Farroupilha – Campus Panambi”, que tem como finalidade de identificar os motivos que ocasionaram a evasão dos alunos do PROEJA IFFAR. Os dados recolhidos serão utilizados apenas para este fim e o anonimato será assegurado. Agradecemos desde já a sua colaboração, sem a qual o estudo não poderia ser desenvolvido. Para uma análise mais fidedigna do conteúdo da nossa conversa, peço a sua autorização para proceder à gravação áudio.

A. Entrada no curso e relação anterior com a Escola

1. Em que ano entrou no curso? Que idade tinha nessa altura?
2. Havia já algum tempo que você não estudava, quando iniciou o curso?
3. De uma forma breve, como diria que foi a sua relação com a Escola/estudos, antes de iniciar o curso técnico? Boa, menos boa? Porquê? Tinha o apoio da família?
4. O que levou você a escolher o curso técnico nesta Instituição?

B. Durante a frequência do curso – situação face ao trabalho e à família

5. Enquanto estava a frequentar o curso, ao mesmo tempo você estava a trabalhar? Se sim, a área era próxima à do curso?
6. Qual era a sua situação familiar, durante a frequência do curso? (Por exemplo, se estava casado/a, se tinha filhos, morava em casa própria...)

C. Abandono do curso – momento e razões

7. Por quanto tempo frequentou o curso? Quanto tempo passou desde o início do curso até abandonar?
8. Quais os motivos que foram determinantes no abandono do curso? (Podem ser tanto motivos externos como internos ao curso.)

9. Relativamente ao curso em si, quais as principais dificuldades que você enfrentou deste que iniciou até que abandonou?

Pode referir-se, por exemplo,

- a) ao acolhimento e apoio por parte da instituição
- b) à relação com os professores
- c) à relação com os colegas
- d) ao programa do curso e disciplinas
- e) às metodologias de ensino e de avaliação

10. Durante o curso você sofreu algum tipo de discriminação? (caso não tenha mencionado na resposta à pergunta anterior)

11. Você sentiu falta de algum tipo de apoio durante o curso? (financeiro, flexibilidade de horário, monitoria, psicológico...)

D. Momento atual – perspectiva sobre retorno, sugestões e outras partilhas

12. Você se arrepende de ter abandonado o curso? Se tivesse oportunidade voltaria? Porquê?

13. Partindo da sua experiência, o que você acha que poderia ser feito para diminuir os casos de abandono no curso?

14. Há algo mais que queira partilhar, que considere importante mas que não tenha sido abordado?

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES

Questionário aos professores

O presente questionário insere-se na pesquisa de mestrado “Estudo sobre a evasão do PROEJA do Instituto Federal Farroupilha – Campus Panambi”, que tem como finalidade de identificar os motivos que ocasionaram a evasão dos alunos do PROEJA IFFAR. Os dados recolhidos serão utilizados apenas para este fim e o anonimato será assegurado. Agradecemos desde já a sua colaboração, fundamental para o desenvolvimento do estudo. Por favor, para cada pergunta responda de acordo com a opção ou resposta que melhor se adequar à sua situação ou perspectiva.

1. Há quantos anos trabalha no PROEJA?

() de 1 a 5 anos () de 6 a 10 anos () mais de 10 anos

2. Qual a área em que leciona?

() Ciências da Natureza () Línguas () Ciências Sociais e Humanas () Matemática e áreas afins

3. Tem formação voltada para a Educação de Jovens e Adultos?

() Sim () Não

Se sim, explicita em que âmbito teve essa formação.

4. O que levou você a trabalhar no PROEJA? Para cada opção indique o grau de concordância.

Escala: 1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Concordo; 4 – Concordo bastante; 5 – Concordo totalmente

Motivos	1	2	3	4	5
Melhor vencimento					

Aptidão para lecionar em cursos com vertente profissional					
Interesse em trabalhar com jovens adultos					
Falta de melhor oportunidade profissional					
Realização pessoal					
Outro. Qual? _____					

5. Quais as principais dificuldades que encontra ao lecionar no PROEJA?

Dificuldades	1	2	3	4	5
Falta de recursos (materiais, espaços, etc.)					
Horário					
Baixo nível de conhecimentos dos alunos					
Falta de formação específica para lecionar com este público					
Falta de motivação dos alunos					
Outro. Qual? _____					

6. Quais as principais potencialidades que encontra ao lecionar no PROEJA?

Potencialidades	1	2	3	4	5

Alunos muito interessados					
Alunos com experiências de vida diversas					
Maior articulação teoria-prática					
Aulas mais participativas					
Flexibilidade curricular					
Maior autonomia pedagógica					
Outro. Qual? _____					

7. Quais as metodologias que privilegia em sala-de-aula. Indique a frequência.

Escala: 1 – Nunca; 2 – Raramente; 3 – Às vezes; 4 – Muitas vezes; 5 – Sempre

Dinâmica das aulas	1	2	3	4	5
Exposição teórica pelo docente					
Trabalho individual					
Trabalho em grupo					
Trabalho por projeto					
Atividade de pesquisa					
Partilha e reflexão de experiências dos alunos					

Atividades relacionadas com o quotidiano social e profissional					
Atividades que promovem o questionamento e análise crítica					
Atividades que partam dos conhecimentos prévios dos alunos					
Uso de novas Tecnologias de Informação e Comunicação					
Outro. Qual? _____					

Modos de trabalho pedagógico	1	2	3	4	5
Incentiva a crítica					
Aluno colaborante					
Promove o questionamento					
Outro. Qual? _____					

8. Quais as principais metodologias que utiliza para a avaliação das aprendizagens dos alunos do PROEJA?

9. Quais são, do seu ponto de vista, as maiores dificuldades que os alunos dos cursos PROEJA enfrentam?

10. Que elementos você considera essenciais para que os alunos do PROEJA consigam concluir o curso com sucesso?

11. O que acha que está ao seu alcance fazer, ao alcance do professor, para diminuir os casos de abandono nos cursos PROEJA?

12. O que acha que está ao alcance da instituição fazer para diminuir os casos de abandono nos cursos PROEJA?

13. Tem algum comentário ou observação que queira fazer sobre alguma das questões ou sobre outro aspecto que não tenha sido abordado e que considere importante?

Muito obrigada pela sua colaboração.

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

A-Entrada no curso e relação anterior com a Escola

1-Em que ano entrou no curso? Que idade tinha nesta altura?

Entrevistado 41-

2012 - 39 anos

Entrevistado 42-

2010 - 27 anos

Entrevistado 43

2013 - 56 anos

Entrevistado 44

2013 - 47 anos

Entrevistado 45

2010 - 25 anos

Entrevistado 46

2010 - 28 anos

Entrevistado 47

2012 - 57 anos

Entrevistado 48

2010 - 44 anos

Entrevistado 49

2012 - 28 anos

Entrevistado 50

2012 - 28 anos

Entrevistado 51

2014 - 47 anos

Entrevistado 52

2011 - 32 anos

Entrevistado 53

2011 - 38 anos

Entrevistado 54

2012 - 45 anos

Entrevistado 55

2012 - 50 anos

Entrevistado 56

2011 - 35 anos

Entrevistado 57

2011 - 26 anos

Entrevistado 59

2013 - 34 anos

Entrevistado 60

2011 - 32 anos

Entrevistado 61

2011 - 44 anos

2- Havia já algum tempo que você não estudava, quando iniciou o curso?

Entrevistado 41

16 anos

Entrevistado 42

8 anos

Entrevistado 43

Mais de 30 anos

Entrevistado 44

Mais de 30 anos

Entrevistado 45

2 anos

Entrevistado 46

2 anos

Entrevistado 47

Mais de 45 anos

Entrevistado 48

20 anos

Entrevistado 49

8 anos

Entrevistado 50

13 anos

Entrevistado 51

10 anos

Entrevistado 52

3 anos

Entrevistado 53

12 anos

Entrevistado 54

23 anos

Entrevistado 55

30 anos

Entrevistado 56

13 anos

Entrevistado 57

2 anos

Entrevistado 59

15 anos

Entrevistado 60

14 anos

Entrevistado 61

10 anos

3-De uma forma breve, como diria que foi a sua relação com a Escola/estudos, antes de iniciar o curso técnico? Boa, menos boa, Porquê? Tinha apoio da família?

Entrevistado 41

Boa, gostava de estudar, a escola era longe, na época os meus pais se mudaram, parei de estudar aos 12 anos, fiquei um pouco pra trás, tinha dificuldade de acompanhar as aulas, na época era difícil, época de juventude era complicado, tinha que trabalhar para ajudar os pais, éramos só 3 piás.

Tinha apoio da família.

Entrevistado 42

Boa, gostava de ir na escola, comecei a trabalhar com 13 anos, tinha que ajudar em casa, então ia picado na escola, quando podia ia, fiquei atrapalhado, não tinha aquela responsabilidade. Tinha dificuldade em português, na verdade uma coisa puxa a outra, não vai, não consegue acompanhar, no fim tinha dificuldade em quase todas as matérias, não consegui acompanhar. Parei por causa do trabalho.

Tinha apoio da família.

Entrevistado 43

Boa, gostava de ir na escola, tinha dificuldade em matemática, estudei até aos 15 anos, 5º ano, não tinha condições, começou a trabalhar, tinha oportunidade de estudar em escola técnica, fora de Panambi, não podia ir pela situação econômica, não tinha condições de comprar roupa.

Tinha apoio da família.

Entrevistado 44

Boa, gostava de ir na escola, brincava, mordomia no interior, estudei até a 3 série, éramos 15 irmãos, influído de ficar em casa capinando, flauteado. Dificuldade até hoje em todas as matérias.

Tinha apoio da família.

Entrevistado 45

Boa, gostava de ir na escola, estudei na mesma até 8 série, parava e voltava.

Tinha apoio dos pais.

Entrevistado 46

Boa, gostava de ir na escola e de estudar, sempre acontecia algo, família de muitos tinha que trabalhar, no ensino médio era casada, marido viajava muito, acabava viajando com ele. Irmão de 48 anos se formando agora, estou correndo atrás do tempo perdido.

Entrevistado 47

Boa, sempre gostei de estudar, dos professores, admiro os professores. Gostava da farra, não podia perder a juventude, com 16 anos já trabalhava. Fui criado pelo tios.

Tinha apoio da família.

Entrevistado 48

Boa, gostava de ir na escola, me dei bem, com 13 anos parei, meus pai faleceram, tinha dificuldade em matemática, voltei a estudar aos 20 anos.
Tinha apoio da família.

Entrevistado 49

Boa até a 7ª série, foi ótimo, fase da adolescência, achava dono da verdade, queria trabalhar. Trabalhar e estudar, não consegui conciliar, acabei só trabalhando. Voltei mais tarde para terminar o ensino fundamental e comecei o ensino médio mas no 3º ano desisti.
Tinha apoio da família.

Entrevistado 50

Boa, gostava de ir na escola, terminei o ensino fundamental com 15 anos. Não fiz o ensino médio porque morava no interior, não tinha transporte escolar e os meu pais não queriam que eu morasse na cidade.
Tinha apoio da família.

Entrevistado 51

Boa, gostava de ir na escola, parei na 7ª série, aos 18 anos para ir no exército, era normal, tinha me atrasado, parava um pouco para trabalhar, não tinha dificuldades nas matérias, parei para trabalhar.
Tinha apoio para estudar.

Entrevistado 52

Boa, gostava da escola, estudei até a 6ª série, sempre tive dificuldade em matemática e português e fui trabalhar, a minha mãe era sozinha, com 3 filhos. Entre gostar e a necessidade de trabalhar, fui trabalhar.
Tinha apoio da família.

Entrevistado 53

Boa, gostava de ir na escola, não tive problema, ia bem, estudei até a 4ª série, nunca tirei nota vermelha, nem pegava recuperação, parei com 11 anos, comecei a trabalhar cedo, na colônia, a mãe era doente, tinha mais um irmão, tinha pouca terra, tinha que plantar dos outros.
Tinha apoio da família.

Entrevistado 54

Boa, gostava de ir na escola, estudei até a 4ª série, parei com 11 anos, se esforçava, não tinha nota vermelha, dificuldade em português mas facilidade em matemática. Repeti umas 3 ou 4 vezes a 4ª série, porque onde tinha a 5ª série era longe e não tinha transporte escolar como hoje, só particular e não tinha condições de pagar, se fosse estudar teria que sair de casa daí parei para ajudar o meu pai na lavoura. Falei hoje para meus filhos que aproveitem para estudar.
Tinha apoio da família.

Entrevistado 55

Boa até a 7ª série, parei com 13 anos, comecei a trabalhar com 12 anos, depois só na obrigação, na “marra”. Tinha dificuldade em matemática, terminei a 8ª série com 20 anos.

Tinha apoio, vai estudar, os pais diziam.

Entrevistado 56

Boa, gostava de ir na escola, terminei o ensino fundamental com 17 anos, reprovando duas vezes na 7ª série. A família não incentivava, minha mãe era analfabeta, nunca me disse estuda que é bom, que vai mudar a tua vida. O meu pai era alcólatra. Engravidei, voltei a estudar aos 22 anos com meu filho, desisti, a prioridade era o filho, tinha problemas financeiros.

Entrevistado 57

Boa, gostava de ir na aula, não tinha dificuldade, estudei até o 2º ano do ensino médio, parei com 18 anos por causa do trabalho.
Tinha apoio da família.

Entrevistado 59

Boa, gostava de estudar, não tinha dificuldade, estudei até a 5ª série, tinha 9 anos quando parei e fui morar com a minha vó e era longe da escola. Os outros irmãos estudaram, não tive apoio. Voltei a estudar depois que casei com apoio do marido e terminei o ensino fundamental com 19 anos.
Não tinha apoio da família.

Entrevistado 60

Boa, gostava de estudar, era atrasado em matemática e português, terminei o ensino fundamental com 17 anos. Vim pra cidade para trabalhar e estudar, trabalhava o dia inteiro e à noite estava cansado para estudar.
Tinha apoio da família.

Entrevistado 61

Boa, gostava de ir na escola, tinha dificuldade como todo mundo em matemática, parei na 7ª série, com 15 anos, porque já era adulto, reprovei na 3ª e na 5ª série e fez 3 vezes a 7ª série daí desisti e comecei a trabalhar.
Tinha apoio da família

4- O que levou você a escolher o curso técnico nesta instituição?

Entrevistado 41

É, vi lá, escutei no rádio do curso de alimentos, muito bem aplicado nos dias de hoje que estamos vivendo, curso de fundamento, cuidando do nosso corpo, deu certo, encaixou de estudar lá, saúde, acho que era importante.

Entrevistado 42

Foi na verdade a oportunidade, os coordenadores do IFF vieram na escola e ofereceram vaga, daí agarrei a oportunidade, gostei do curso e fui fazer.

Entrevistado 43

Pra aprender mais, buscar aumentar (ter) mais conhecimento.

Entrevistado 44

Tinha de encanador e alimentos, escolhi alimentos, queria ter mais estudo, tentei várias escolas, não dava certo nos outros colégios, queria mais conhecimento.

Entrevistado 45

Único que ofereciam e a minha irmã já fazia arquitetura e também para concluir o ensino médio.

Entrevistado 46

Venho de uma família que mexe com construção civil, o meu pai analfabeto mas fazia casas maravilhosas, me encantei. Uma mulher disse que estava abrindo vaga e fui estudar.

Entrevistado 47

Gosto de alimentos, gosto de aprender, hoje eu tenho uma lancheria.

Entrevistado 48

Tentar concluir os estudos, aprender.

Entrevistado 49

O meu pai e um irmão que trabalham na área da construção civil e eu também trabalhava e queria dar uma melhorada no trabalho.

Entrevistado 50

Influenciada por uma colega de serviço, estava sobrando vaga.

Entrevistado 51

Queria voltar para terminar o ensino médio e seria outra profissão o ensino técnico.

Entrevistado 52

Seria duas coisas boas, terminar o ensino médio e o técnico junto.

Entrevistado 53

Era voltado na área que trabalhava.

Entrevistado 54

Já trabalhava como servente de pedreiro e achava que era um conhecimento a mais.

Entrevistado 55

Pelo diretor do IFF, que era meu vizinho.

Entrevistado 56

Porque achei que sempre as pessoas estão consumindo, sempre vai ter uma porta aberta.

Entrevistado 57

Terminar o ensino médio.

Entrevistado 59

Tinha a ver, trabalhava com alimentos.

Entrevistado 60

Foi comentado com a turma que estava saindo os cursos e já trabalhava na área da construção.

Entrevistado 61

Era novo aqui na cidade, não tinha nada a ver com o que fazia, sou vendedor.

B- Durante a frequência do curso – situação face ao trabalho e á família

5-Enquanto estava a frequentar o curso, ao mesmo tempo você estava a trabalhar? Se sim, a área era próxima à do curso?

Entrevistado 41

Sim, trabalhava.

Não tinha nada a ver com o curso, trabalhava na barbearia.

Entrevistado 42

Sim, trabalhava.

Não, era soldador.

Entrevistado 43

Sim, trabalhava.

Sim, tinha a ver.

Entrevistado 44

Sim, trabalhava

Não, trabalhava na limpeza.

Entrevistado 45

Não trabalhava.

Entrevistado 46

Sim, trabalhava

Não, trabalhava como manicure.

Entrevistado 47

Sim, trabalhava.

Sim, com comida.

Entrevistado 48

Sim, trabalhava.

Não tinha a ver.

Entrevistado 49

Sim, trabalhava.

Sim, por um tempo, maior parte em construção civil.

Entrevistado 50

Sim, trabalhava.

Não, tinha nada a ver.

Entrevistado 51

Sim, trabalhava.

Não, tinha nada a ver.

Entrevistado 52

Não.

Entrevistado 53

Sim, trabalhava.

Sim, tinha a ver.

Entrevistado 54

Sim, trabalhava

Sim já trabalhava como servente de pedreiro.

Entrevistado 55

Sim, trabalhava

Não, era marceneiro.

Entrevistado 56

Sim, trabalhava.

Não, era costureira.

Entrevistado 57

Sim, trabalhava.

Não, tinha nada a ver.

Entrevistado 59

Sim, trabalhava.

Sim, tinha a ver trabalhava na cozinha de uma empresa.

Entrevistado 60

Sim, trabalhava.

Sim, era próxima.

Entrevistado 61

Sim, trabalhava.

Não, tinha nada a ver.

6- Qual era a sua situação familiar, durante a frequência do curso? (Por exemplo, se estava casado/a, se tinha filhos, morava em casa própria...)

Entrevistado 41

Casado, tinha filhos, casa própria.

Entrevistado 42

Casado, sem filhos, morava na casa dos pais da esposa.

Entrevistado 43
Casado, tinha filhos, netos, casa própria.

Entrevistado 44
Casado, não tinha filhos, casa própria.

Entrevistado 45
Casada, filhos, casa emprestada.

Entrevistado 46
Casada, filhos, casa alugada.

Entrevistado 47
Casado, filhos, casa própria.

Entrevistado 48
Separado, 3 filhos, casa própria.

Entrevistado 49
Solteiro, sem filhos.

Entrevistado 50
Casada, 3 filhos, casa cedida pelos pais.

Entrevista 51
Casado, 2 filhos, casa alugada.

Entrevistado 52
Casada, filho, casa alugada.

Entrevistado 53
Casado, sem filhos, casa própria.

Entrevistado 54
Casado, 2 filhos, casa própria.

Entrevistado 55
Casado, filhos, casa própria.

Entrevistado 56
Casada, filha, casa própria.

Entrevistado 57
Casado, filhos, casa alugada.

Entrevistado 59
Casada, filhos, casa própria.

Entrevistado 60
Casado, 2 filho, casa própria.

Entrevistado 61
Separado, 2 filhos, aluguel

C- Abandono do curso - momento e razões

7- Por quanto tempo frequentou o curso? Quanto tempo passou desde o início do curso até abandonar?

Entrevistado 41

Mais ou menos 6 meses.

Entrevistado 42

2 anos.

Entrevistado 43

2 anos.

Entrevistado 44

1 ano.

Entrevistado 45

1 ano e 6 meses.

Entrevistado 46

1 ano.

Entrevistado 47

Mais ou menos 2 anos.

Entrevistado 48

2 anos.

Entrevistado 49

3 anos.

Entrevistado 50

3 meses.

Entrevistado 51

2 meses no máximo.

Entrevistado 52

7 meses.

Entrevistado 53

1 ano e 6 meses.

Entrevistado 54

6 meses.

Entrevistado 55

6 meses.

Entrevistado 56

Nenhum dia, não cheguei a frequentar, cirurgia no ombro.

Entrevistado 57

1 ano e 4 meses.

Entrevistado 59

3 a 4 meses.

Entrevistado 60

2 anos.

Entrevistado 61

3 a 4 meses.

8- Quais os motivos que foram determinantes no abandono do curso? (Podem ser tanto motivos externos como internos ao curso)

Entrevistado 41

O motivo foi a dificuldade, era muito corrido, dar conta do trabalho, estudo, família, vi que ia ficando pra trás. A minha esposa estudava comigo, ela continuou, hoje é professora, ela conseguiu se formar.

Entrevistado 42

Quando arrumei outro emprego, comecei a fazer hora extra e não consegui conciliar, tive que escolher em me sustentar ou estudar. Faz parte do emprego, tinha que fazer bastante hora extra, acabei perdendo matérias, não conseguia acompanhar, entrei em recuperação e as aulas eram de manhã, daí acabou bagunçando.

Entrevistado 43

Idade avançada, ia demorar muito e não ia conseguir entrar no mercado de trabalho.

Entrevistado 44

Parei porque quis, já era final de ano, estava cansado, esgotado e não sabia se ia passar de ano.

Entrevistado 45

Fiquei grávida, tinha acompanhamento da psicóloga do IFF, depois que ganhei o filho, fui no IFF, conversei com os professores, entreguei o atestado da licença. Conversei com a psicóloga, inclusive ela frequentava a minha casa. Quando foi para voltar a estudar não tinha mais como voltar. (Houve problema de comunicação entendimento sobre o atestado). Não pude voltar

Entrevistado 46

Uma complicação na gravidez, descobri a gravidez e o problema e fiquei hospitalizada, abandonei tudo, escola, família.

Entrevistado 47

Na verdade, era muito difícil, senti muito em ter que parar, fui para aprender e aprendi muito. O que me fez desistir foi o bullying, colegas gozando de mim, pois tenho uma perna mais curta por causa de um acidente.

Entrevistado 48

Transporte que era difícil, não tinha ônibus todos os dias, não tinha como ir no reforço, era no horário de trabalho. Tinha dificuldade em matemática.

Entrevistado 49

Desleixo da minha parte, empurrando, não conseguia sair do trabalho para fazer o estágio.

Entrevistado 50

Parei por causa dos filhos, chegava em casa do trabalho e saía para a escola, não tinha

tempo para os filhos.

Entrevistado 51

Fazia o mesmo curso com a minha esposa, filhos pequenos, horário de trabalho não se encaixava muito bem, deixei que a minha esposa continuasse e que ela fosse em frente, precisava mais do que eu, se formou no curso de alimentos e noutro ainda mais tarde.

Entrevistado 52

Saúde da mãe, era uma coisa melindrosa e à noite era ela que cuidava do meu filho para eu estudar, pois o meu marido trabalhava à noite. Tive que optar e larguei o curso.

Entrevistado 53

Faltou pouco, fui mal numa matéria, estava encerrando, ia trocar de matéria, tinha um trabalho para apresentar, fiquei pra trás, fiquei triste, com vergonha, parei.

Entrevistado 54

Trabalhava sobre a pressão na empresa, dava apoio para quem estudava, ganhava auxílio, tinha muito serviço, precisava fazer hora extra no sábado, de madrugada, sobrava pra mim, cansado.

O curso não era difícil, pra terminar o segundo grau, era tudo junto, uma mistura, chegou a um ponto que estava sobrecarregado, se fosse só o curso tinha terminado.

Entrevistado 55

Não entendia matemática, a professora não sabia ensinar, perda de tempo.

Entrevistado 56

Nem cheguei a frequentar, fiz cirurgia no ombro.

Entrevistado 57

Problemas externos, chegava atrasado nas aulas, muito trabalhos, não conseguia fazer, não tinha como fazer trabalho de aula no horário de trabalho, a empresa é difícil de liberar, fui ficando pra trás.

Entrevistado 59

Mudamos de cidade.

Entrevistado 60

Acho que pra mim o que complicou um pouco mais, foi a cirurgia que tive que fazer e quando voltei, tirei zero na prova de matemática e aquilo foi uma paulada, foi uma fracassada.

Entrevistado 61

O motivo foi realmente conciliar o horário de trabalho, tinha bastante curso em outra cidade, às vezes, daí eu faltava no colégio e ainda por não ser o curso que queria.

9-Relativamente ao curso em si, quais as principais dificuldades que você enfrentou

deste que iniciou até que abandonou?

Entrevistado 41

Um pouco nas disciplinas, senti um baque, tinha dificuldade em matemática, filosofia e sociologia, judiado. Com os professores e colegas era bom o relacionamento.

Entrevistado 42

Não tenho queixa da Instituição, tinha apoio, dificuldade em algumas disciplinas, alguma que não me lembro, umas aulas repetidas, os colegas também reclamaram, o 1º e 2º semestres a mesma coisa, tinha problema com a professora, acho que era de informática, pedia coisas a mais, estava precisando mais coisas e ela passava a mesma coisa.

Entrevistado 43

Conversava bastante, não tinha dificuldade, até aprender demorou mas depois alinhou, tinha que estudar, quando tinha dificuldade perguntava, se não sabia questionava.

Entrevistado 44

Tinha dificuldade, deviam explicar mais, intransigência do professor.

Entrevistado 45

Não, era muito acolhedor, amizade até hoje. Tivemos problema com uma professora e a gente conversou com ela mas logo ela foi embora.

Entrevistado 46

Eu curtia muito, tinha gosto de ir, todos apoiavam.

Entrevistado 47

Tinha dificuldade, química, matemática, física, mas não foi este o motivo da desistência.

Entrevistado 48

Não, com ninguém, dificuldade em matemática.

Entrevistado 49

Dificuldades todos tem em alguma matéria, os melhores professores.

Entrevistado 50

Conseguia acompanhar.

Entrevistado 51

Nenhum problema, nenhuma dificuldade, bem acolhido, excelentes professores.

Entrevistado 52

Bem acolhida, se dava bem.

Entrevistado 53

Uma coisa que me queixo, os professores passavam tudo no projetor, correndo e até copiar tudo, parece que não aprendia bem, quando o professor ensinava era melhor.

Entrevistado 54

Tinha apoio, não tinha problema, na verdade não conseguia acompanhar, era muito diferente de quando estudei no tempo de guri. Eu não entendo nada de informática, aí os professores chegavam, explicavam e já passava conteúdo, tinha apostila, pen drive.

Entrevistado 55

Problema com a matemática e a professora, com os outros professores ia bem. Tinha um grupo de chimarrão no fundo da sala de aula.

Entrevistado 56

Não cheguei a frequentar.

Entrevistado 57

Não, IFF 100%, tudo certo.

Entrevistado 59

Quando me chamaram para estudar, já tinha começado as aulas, os professores ajudavam, os colegas também. Não tinha informática.

Entrevistado 60

Sempre bem recebido, tudo muito legal. Tinha dificuldade em química, o professor não era ruim, mas exigia muito, ele tem que exigir.

Entrevistado 61

Não, todos excelentes, professores capacitados, colegas também.

10-Durante o curso você sofreu algum tipo de discriminação? (Caso não tenha mencionado na resposta à pergunta anterior)

Entrevistado 41

Não.

Entrevistado 42

Não.

Entrevistado 43

Não.

Entrevistado 44

Não.

Entrevistado 45

Não.

Entrevistado 46

Não.

Entrevistado 47

Sim, bulling em relação a minha deficiência.

Entrevistado 48

Não.

Entrevistado 49

Não.

Entrevistado 50

Não.

Entrevistado 51

Não.

Entrevistado 52

Não.

Entrevistado 53

Não.

Entrevistado 54

Não.

Entrevistado 55

Não.

Entrevistado 56

Não frequentei as aulas.

Entrevistado 57

Não.

Entrevistado 59

Não.

Entrevistado 60

Não.

Entrevistado 61

Não.

11-Você sentiu falta de algum tipo de apoio durante o curso? (financeiro, flexibilidade de horário, monitoria, psicológico...)

Entrevistado 41

Falta de professores para reforçar em várias matérias, mais momentos, me dedicar mais para pegar, pra acompanhar, não só eu mas outros precisavam de ajuda.

Entrevistado 42

A única coisa que eu acho que o IFF poderia ter exposto mais as condições, oferecido para nós, tinha aquele suporte todo, deixar mais claro, não divulgado, ficava sabendo por outros.

Entrevistado 43

Não senti falta de apoio, centrado, tinha que fazer, atingir a meta, estava focado.

Entrevistado 44

Não.

Entrevistado 45

Não.

Entrevistado 46

Não.

Entrevistado 47

Não.

Entrevistado 48

Sim, tinha dificuldade em matemática e também de ir na aula, não tinha ônibus todos os

dias. As aulas de reforço eram no horário de trabalho.

Entrevistado 49

Flexibilidade de horário.

Entrevistado 50

Não.

Entrevistado 51

Flexibilidade de horário em conciliar trabalho e estudo.

Entrevistado 52

Não.

Entrevistado 53

Sim, monitoria.

Entrevistado 54

Não.

Entrevistado 55

Sim, flexibilidade de horário.

Entrevistado 56

Não frequentava.

Entrevistado 57

Sim, flexibilidade de horário.

Entrevistado 59

Não.

Entrevistado 60

Sim, monitoria.

Entrevistado 61

Não.

D-Momento atual – perspectiva sobre retorno, sugestões e outras partilhas

12- Você se arrepende de ter abandonado o curso? Se tivesse oportunidade voltaria? Por quê?

Entrevistado 41

Sim, voltaria. A gente sonha alto, seria um sonho concluir, vamos ver se conseguimos chegar lá.

Entrevistado 42

Sim, voltaria. Hoje faria outro curso no IFF que fosse do meu interesse.

Entrevistado 43

Sim, voltaria. Porque falo com alguns colegas e eles terminaram, voltaria estudar, a mente deve ser trabalhada todo dia.

Entrevistado 44

Sim, voltaria. A gente precisa, voltaria se melhorasse. Melhora o serviço da gente, saber mais, coisa boa.

Entrevistado 45

Sim, voltaria. Me arrependo muito, porque eu digo: “quando você está parado, parece que a mente fica parada, quando você está com eles, pessoas expressam, a gente aprende”.

Entrevistado 46

Sim, voltaria. Mil vezes, voltaria, porque hoje em dia não é só o diploma, tem que estudar, não pode parar, não vai crescer, não vai pra frente, quanto mais sabedoria, quanto mais correr atrás do saber, não é pra ficar rico, é melhor pra você, não é para você dizer para ficar rico.

Entrevistado 47

Sim, quem sabe. Porque hoje teria mais conhecimento, para aprender mais.

Entrevistado 48

Sim, voltaria. Para terminar os estudos, aprender mais.

Entrevistado 49

Sim, voltaria. Para se formar em alguma coisa, para concluir o curso.

Entrevistado 50

Sim, voltaria. Pelo lado afetivo não, sim pelo lado profissional, voltaria, até sonho com um trabalho melhor, sempre devemos tentar melhorar.

Entrevistado 51

Não, voltaria. Continuei trabalhando, fiz companhia para meus filhos e a minha esposa pode se formar e fez outro curso e também se formou, de certa forma ajudou a família. O que a gente sente que o tempo vai passando e as oportunidades não voltam. No meu caso não voltaria para o técnico, seria na área das humanas, como história, filosofia.

Entrevistado 52

Sim, voltaria. Voltaria não para edificações, mas para alimentos pois trabalho em alimentos.

Entrevistado 53

Sim, voltaria. Muito, voltaria porque acho que não estaria trabalhando numa empresa, estaria trabalhando por conta, era um começo pra nós.

Entrevistado 54

Sim, voltaria. Porque é um conhecimento que ninguém tira, conhecimento a mais,

aprendi muita coisa lá.

Entrevistado 55

Sim, voltaria. Porque um tempo parado, você se avalia, precisa manter ativo, evoluir. Eu era bem informado em informática e hoje não sei nada. Um curso de informática faria.

Entrevistado 56

Sim, voltaria. Voltaria para fazer alimentos porque sempre as pessoas precisam e hoje trabalho numa escola com alimentos.

Entrevistado 57

Sim, voltaria. Porque hoje a gente entende mais, estaria mais maduro, hoje até poderia sair mais cedo, chegar mais tarde, tenho mais tempo de empresa, o horário mais flexível, na época estava começando na empresa.

Entrevistado 59

Sim, voltaria. Porque quando você conhece empresas do ramo de alimentos, vê que é importante.

Entrevistado 60

Sim, sei lá, começar do zero de novo. Porque hoje talvez poderia estar comandando uma equipe, em cima desta formação, se tivesse formado, sendo que já trabalhava na área.

Entrevistado 61

Em parte sim, podia ter concluído. Voltaria, o estudo é tudo, quem não tem estudo vira vendedor, ter um grau de estudo, a gente tem que ter conhecimento.

13-Partindo da sua experiência, o que você acha que poderia ser feito para diminuir os casos de abandono no curso?

Entrevistado 41

Apoio, professor disponível para reforço, para conseguir acompanhar as matérias. Voltar a estudar e ver todas as pessoas terminarem seus estudos.

Entrevistado 42

Acho que muitos dos trabalhos, podia ter sido feito lá com ajuda do professor, seria ótimo, menos trabalho em casa.

Entrevistado 43

Todos trabalhavam, eram casados, muitos desistem, chegavam cansados do trabalho, dormiam em sala de aula, problema todo.

Entrevistado 44

Cansaço, muito de pé.

Entrevistado 45

A sala era cheia, por fim eram poucos, acho que fui a última a abandonar. No dia da formatura eles nos obrigaram a ir para ver que não era difícil para se formar.

A gente não se entendeu na hora da matrícula.

Entrevistado 46

Acho que pra gente que tem casa, filhos, separada, um mês tem pensão e outro não. Mais flexibilidade de horário, a distância hoje seria ideal, para quem tem esta vida corrida, teria que ter uma flexibilidade, 2 a 3 vezes na semana aula.

Entrevistado 47

A turma tido acompanhamento de psicóloga, professor que pudesse acompanhar os alunos, tinha muita bagunça, ver a situação da turma.

Entrevistado 48

Cada um tem os seus motivos.

Entrevistado 49

Não, sabe é uma questão particular, foram atrás dos alunos, alguns voltaram, mas não ficaram.

Elaborar um programa para ver o que pode ser feito.

Entrevistado 50

Na verdade, todos tem seus motivos próprios. A escola faz a sua parte, a escola não falhou.

Entrevistado 51

No meu caso flexibilidade de horário, outros, é muito pessoal, familiar. O IFF acho difícil resolver estes problemas de família. Proeja se tivesse de manhã eu estudaria em função do meu horário de trabalho.

Entrevistado 52

Não saberia dizer se o IFF poderia ajudar no meu caso, saúde da mãe.

Entrevistado 53

Professor trabalhava em cima, tolerar um pouco mais, a matemática era muito pesado, aumentar o tempo, era corrido, quando vê já chegava outro professor.

Entrevistado 54

Talvez, dividindo as pessoas com mais dificuldade das mais novas com mais facilidade, no meu caso deveria estar noutra turma.

Entrevistado 55

Todos da minha idade pararam de estudar. Primeira coisa, posso ir no banheiro, na nossa idade não cabe, grupo de chimarrão, não prestava atenção.

Entrevistado 56

É bem complicado porque é só depois que o tempo passou, a pessoa vê, o que eu sou? Qual é o meu papel na sociedade? O teu estudo mas bota na mente das pessoas enquanto as pessoas são novas, e só depois que passa esta situação. O que a pessoa poderia fazer,

porque eu desisti ou porque a minha mãe (analfabeta) não sentou e disse não faz isso, o apoio da família ia ajudar muito, eu acho que ajudaria.

Entrevistado 57

Carga horária, 3 a 4 dias na semana. Todos os dias fica difícil, ter palestra, reuniões na empresa, é cansativo, ficaria mais fácil para se organizar.

Entrevistado 59

A maioria dos colegas desempregado, só eu trabalhava, o financeiro faz a gente abandonar. Outra colega abandonou porque começou a trabalhar.

Entrevistado 60

De repente, vendo que o pessoal estava desistindo de terem feito uma reunião em cima disto e terem clareado um pouco mais para a turma, ia ajudar bastante. O pessoal dizia que ia desistir e não ia mais e ficava por aquilo. Claro, falta de interesse nosso de não ir mais, mas se dessem uma cutucadinha, ia ajudar também.

Entrevistado 61

O bom seria, se tivesse mais cursos, opções, edificações não me servia, queria terminar o ensino médio.

14 - Há algo mais que queria partilhar, que considere importante mas que não tenha sido abordado?

Entrevistado 41

Não respondeu.

Entrevistado 42

Da situação, necessidade do mercado, mercado exige, a empresa exige, estudo hoje é muito valorizado, ensino médio completo, técnico, faculdade, melhor rendimento, salário, se torna muito importante e melhora a condição familiar.

Entrevistado 43

Projeto de vida para quando não conseguir trabalho no mercado formal, poder ter seus próprios negócios. Não dá para se acomodar, ativar a mente para aprender.

Entrevistado 44

Gostei de estudar, problema aquele? Tinha, vi um erro, façam as pessoas lerem, falta incentivo, oportunidade de leitura oral no grupo, perder o medo não aconteceu, aprendendo mais em casa do que lá, ler na frente das pessoas.

Entrevistado 45

Eu amava estar lá, iniciei o grupo CTG, quando eu trabalhava à tarde, ia no IFF, organizando, limpando, lavando, ajudando a professora Marli quando tinha algum evento. Tinha dificuldade em algumas matérias e outras mais facilidades.

No dia da formatura, chorei e os colegas perguntavam por que estava chorando? Porque eu queria estar lá, com eles.

Pena que não deu para terminar.

Entrevistado 46

Única coisa que falo, não se deve desistir do sonho, isto é fato, aquele que fala que não vai conseguir, vai a luta, ergue a cabeça, vai devagarinho que você chega lá. Aos poucos me levantando, não estou parada, já estou com o meu trabalho, a gente não pode parar por causa dos obstáculos, os problemas vem, vamos estacionar, vai lá na frente e retorna, às vezes a gente retorna com mais força e mais coragem, é inacreditável, aqueles que desistem precisam de um incentivo.

Entrevistado 47

Acompanhamento, onde tem jovens e pessoas de mais idade, diferenças de idade, ter acompanhamento diferenciado.

Entrevistado 48

Não disse nada.

Entrevistado 49

Melhor experiência escolar, diferente do que já tive, as matérias muito boas e melhor estrutura, só elogios para a Instituição.

Entrevistado 50

Foi uma experiência boa, professores capacitados, com paciência.

Entrevistado 51

Teria muito interesse em estudar, pra mim foi importante, este pouco tempo, pra minha esposa foi importante.

Pelo ensino médio e pelo técnico seria importante, o IFF trouxe muitos benefícios, sinto em não ter continuado.

Entrevistado 52

Perguntas interessantes porque ninguém sabe realmente o que acontece com a gente.

Entrevistado 53

Muito bom ter conversado com você, parei, perdi um pouco do tempo pra conversar, falei coisas que nunca tinha falado.

Entrevistado 54

Muito bom o IFF.

Entrevistado 55

IF moderno, fantástico, professores excelentes, a de matemática fraca.

Meu foco não é diploma, quero aprender, o diploma não vai mudar nada.

Entrevistado 56

Muitas vezes cheguei nos lugares para entregar o currículo, me senti um tapete, por não ter estudo, a gente deve ser um exemplo pros filhos, um dia vão cobrar, e você? A gente é um espelho, é bem importante o estudo, é tudo, ninguém tira.

Entrevistado 57

Vir conversar com a gente, é interessante, não esperava.

Entrevistado 59

Acho que meu sonho é ter um diploma, não tive apoio, fui morar com a vó. É difícil, não é fácil, não pude estudar, eu não vou desistir.

Entrevistado 60

Acho que quando se determina uma meta, tu tem que batalhar até o fim dela, porque depois do passar do tempo, a pessoa vai ver a falta que faz não ter encarado até o fim.

Entrevistado 61

Assim, eu tenho 3 filhos, eu acho superimportante fazer os cursos, bastante, o conhecimento não ocupa espaço, principalmente no dia a dia na nossa cabeça, não pesa, não ocupa espaço, não tem limite para a nossa cabeça.

Se desse voltaria a estudar.

ANÁLISE DAS QUESTÕES FECHADAS

QUESTÃO 1

ANO

2010- 4 alunos
2011- 6 alunos
2012- 6 alunos
2013- 3 alunos
2014- 1 aluno
Total- 20 alunos

CURSO

Alimentos- 09 alunos
Edificações- 11 alunos

IDADE

25 anos - 02 alunos
27 anos - 01 aluno
28 anos - 03 alunos
32 anos - 02 alunos
34 anos - 01 aluno
35 anos - 01 aluno
38 anos - 01 aluno
39 anos - 01 aluno
44 anos - 02 alunos
45 anos - 01 aluno
47 anos - 02 alunos
53 anos - 01 aluno

55 anos - 01 aluno
57 anos - 01 aluno
TOTAL - 20 alunos

QUESTÃO 2

2 anos - 3 alunos
3 anos - 01 aluno
8 anos - 02 alunos
10 anos - 02 alunos
12 anos - 01 aluno
13 anos - 02 alunos
14 anos - 01 aluno
15 anos - 01 aluno
16 anos - 01 aluno
20 anos - 01 aluno
23 anos - 01 aluno
30 anos - 3 alunos
45 anos - 1 aluno
TOTAL; 20 alunos

QUESTÃO 5

Trabalhavam - 18 alunos
Não trabalhavam - 02 alunos
Total - 20 alunos

Área próxima do curso:

Sim - 07 alunos
Não - 11 alunos
Total - 18 alunos
02 alunos desempregados
Total 20 alunos

QUESTÃO 6

Solteiro 01 aluno
Casado 17 alunos
Separado 02 alunos

Com filhos 16 alunos
Sem filhos 04 alunos

Casa própria 11 alunos
Casa alugada/cedida 09 alunos

QUESTÃO 7

Zero dia 1 aluno
02 meses 1 aluno
03 meses 3 alunos
06 meses 3 alunos
07 meses 1 aluno
12 meses 2 alunos
16 meses 1 aluno
18 meses 2 alunos
24 meses 5 alunos
36 meses 1 aluno
Total 20 alunos

QUESTÃO 4 – Análise da questão

A questão quatro da entrevista perguntava. O que levou você a escolher o curso técnico nesta Instituição? Cabe ressaltar que o Instituto Federal farroupilha – Campus Panambi iniciou suas atividades no ano de 2010, sendo o período da pesquisa correspondente 2010 a 2014, além disso é ofertado um curso por ano na modalidade PROEJA, educação profissional e técnica de ensino médio na forma de cursos integrados para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos. Nos anos de 2010, 2011 e 2014 ofertaram edificações e nos anos 2012 e 2013, alimentos e até o presente ano continuam ofertando somente edificações, delimitando às opções.

Levando em conta o que foi exposto anteriormente, podemos observar no gráfico a seguir que os dois motivos para realizar a matrícula na Instituição que mais se destacaram foi da qualificação e a profissionalização. Para alguns entrevistados lembraram que precisam terminar o ensino médio também e mais um curso técnico que está integrado ao mesmo.

A seguir transcrição de trechos de entrevistas, nas quais expressam problemas relacionados à escolha do curso.

Entrevistado 41- “É vi lá, escutei no rádio do curso de alimentos, muito bem aplicado nos dias de hoje que estamos vivendo, curso de fundamento, cuidando do nosso corpo, deu certo, encaixou de estudar lá, saúde, acho que era importante”

Entrevistado 42 – “ Foi na verdade a oportunidade, os coordenadores do IFF vieram na escola e ofereceram a vaga, daí agarrei a oportunidade, gostei do curso e fui fazer”.

Entrevistado 45- “ Único que ofereciam e a irmã já fazia arquitetura e também para concluir o ensino médio”.

Entrevistado 46- “ Uma mulher disse que estava abrindo vaga e fui estudar”.

